CPQBA pesquisa nova droga contra malária

Trata-se da artemisinina, substância extraída de uma planta chinesa agora cultivada na Unicamp. A droga estará pronta em um ano. ***Página 3.***

Campinas, junho de 1989 — Ano III — n.º 32

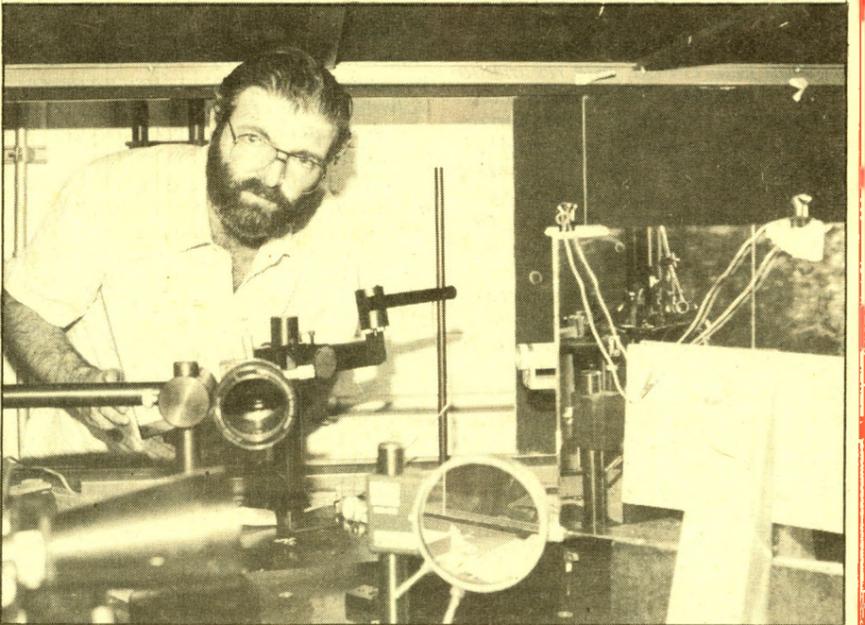
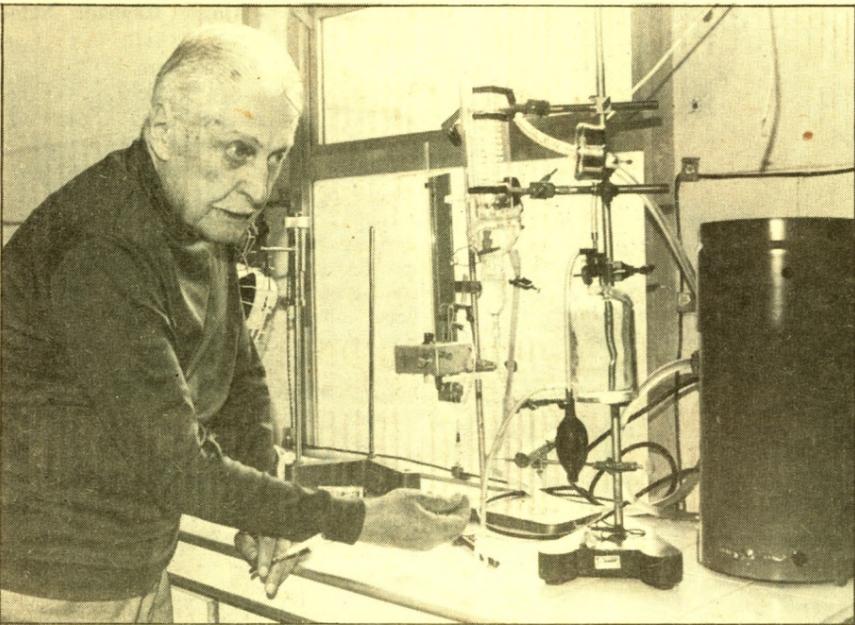
Civil busca integração no campus

Conquistada a transferência do curso para Campinas, os alunos da Engenharia Civil comparam sua luta à da "Resistência" francesa. ***Página 7.***

A Nova República está no fim? Novembro dirá.

Para o sociólogo Octavio Ianni as eleições de novembro próximo encerrarão o breve ciclo histórico iniciado com Tancredo. Mas não garante que se encerre o ciclo dos burocratas no governo. Página 6.

O velho Hermeto sagra o curso de música popular

A presença de Hermeto Paschoal no Instituto de Artes da Unicamp mostra que o recém-criado curso de Música Popular nada tem a ver com a concepção formal do ensino de música. Página 8.

Vital Brazil, uma homenagem mais que justa

O velho pesquisador, agora professor emérito da Unicamp, completa meio século de produção científica mas não interrompe seus trabalhos no campo da toxicologia. Página 3.

Começa aqui o sonho da TV holográfica

O físico da Unicamp José Joaquim Lunazzi surpreende o meio científico e anuncia o desenvolvimento de uma tela holográfica que pode revolucionar o cinema e a TV. Página 4.

Opinião Uma chinesa vê o Brasil

Yü Huíjuan

A primeira impressão que tive do Brasil, quando aqui cheguei há um ano, foi a de um país extremamente bonito e vivo. Saio com a mesma sensação, porém acrescida de alguns outros atributos: um país bonito, vivo, de enorme potencial e com alguns problemas parecidos com os da China.

Se os europeus que aqui chegam pela primeira vez experimentam a vertigem dos grandes espaços, este não foi o meu caso: Brasil e China têm dimensões compatíveis. Não posso dizer, entretanto, que não tenha sentido falta das montanhas, que cobrem cerca de um terço do meu país. Parto com as imagens de um país plano, sem desertos e cheio de abundantes recursos.

Quando se viaja pelo Estado de São Paulo — e devo dizer que viajei muito — tem-se a impressão de um país do Primeiro Mundo. Sei que isto é dizer o óbvio. Sob alguns aspectos a cidade de São Paulo me lembra Pequim: nervosa, dinâmica, uma espécie de motor do país. Faz sentido contrapor o caráter reservado do paulistano (o mesmo do pequinês) à espontaneidade do carioca, que me recorda o xanganês. Talvez isto se deva ao fato de que ambas as cidades (Rio e Xangai) são litorâneas. O Rio faz jus à sua fama internacional, mas, decididamente, a pobreza não combina com a beleza.

Um ano de Brasil foi o bastante para mudar muitas de minhas concepções sobre o que para mim era pouco mais que um "distante país do outro lado do mundo". Um país distante porém particularmente importante para mim, já que sou locutora da Rádio Pequim para países de língua portuguesa. A primeira coisa a mudar foi o meu conceito da língua. Descobri que o português vivo é muito diferente do português estrutural. Saio daqui falando até mesmo algumas gírias. Já não necessito, ao falar, ficar todo o tempo traduzindo mentalmente do chinês para o português. Hoje consigo já pensar em português. Naturalmente meu trabalho será desempenhado de maneira muito diferente. Sem contar o fato fundamental de que as informações que me chegarem do Brasil, e que devo reproduzir diariamente em minha rádio, serão muito melhor assimiladas por mim mesma e, espero, por meus radiouvintes.

Confesso que saio sem entender muito bem a chamada crise brasileira. A crise existe de fato, ao que parece, mas sou incapaz de decidir se o problema está no sistema ou no governo, como muitos querem fazer crer. Quando desembarquei no Brasil, em maio de 1988, a inflação era de 17% ao mês, em novembro do mesmo ano chegou a 30%, a 70% no período dezembro-janeiro e agora anda por volta dos 8 a 10%. Pensem que saí de um país cuja inflação é de 30% ao ano, o que é considerado uma taxa alta.

Descobri também uma outra regra básica que amigos brasileiros me ensinaram: "Aqui, quanto mais zero tiver a cédula, menos vale o dinheiro". Custei a entender que se tratava de dinheiro emitido há algum tempo, antes do corte dos três zeros. Via-me assim embaraçada com cédulas que diziam valer uma coisa e na realidade valiam outra. Para um estrangeiro isto é extremamente complicado.

Yü Huíjuan é locutora da Rádio Pequim e esteve na Unicamp de maio de 1988 a maio último, a convite do governo brasileiro.

Algo me agradou, entretanto, acima de qualquer outra coisa: o povo. Não esperava tanta afabilidade, tanta capacidade de alegria, um humor capaz de rir da própria infelicidade. Fiz inúmeros amigos. No plano intelectual conheci escritores que já admirava lá e inclusive um que traduzi para o chinês (Lygia Fagundes Telles). E, mais que nunca, estou certa de não poder esquecer a Unicamp e os professores e colegas com quem convivi no Instituto de Estudos da Linguagem, e com quem aprendi quase tudo de que necessitava. A esses eu já agradeci em particular.

A importância do 3090

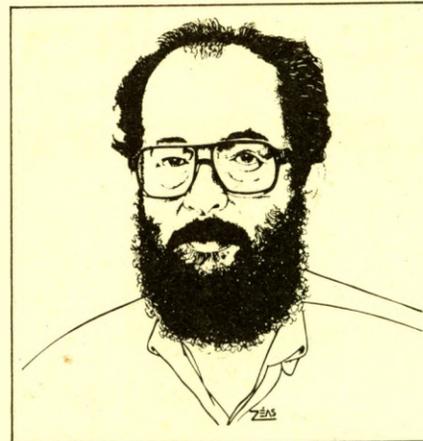
Fernando Paixão

A inauguração do IBM 3090 foi a parte mais visível de uma série de mudanças que ocorreram na área de informática da Unicamp. Estas mudanças iniciaram-se em agosto de 1986 quando o reitor nomeou um conselho provisório para gerenciar os recursos de informática da Unicamp e elaborar um regimento para o Centro de Computação. Aprovado pelo Consu, este regimento cria um Conselho Deliberativo composto por nove membros, sendo um representante do reitor, um representante da administração, um representante dos analistas do Centro de Computação e seis professores indicados pelos diretores de unidade. Estabelece também o cargo de superintendente do Centro de Computação que possui voz neste conselho. Assim, distinguem-se dois níveis de atividades, a prestação de serviços à comunidade, tais como desenvolvimento e manutenção de sistemas, apoio ao usuário científico, operação dos equipamentos, entre outras. Cabe ao centro e ao superintendente coordená-las. Outra é o planejamento de recursos disponíveis para a comunidade que cabe ao Conselho Deliberativo.

A aquisição de um computador com as características que este IBM preenche veio de uma avaliação das necessidades mais imediatas de recursos de informática que a Universidade necessita. Buscou-se assim um equipamento que dentro dos recursos disponíveis pela Unicamp fosse uma máquina atraente tanto do uso científico pesado como de uso geral. A presença de um processador vetorial capaz de executar até 64 milhões de operações de ponto flutuante, dá uma característica marcadamente científica a esta máquina. Possui uma unidade escalar bastante rápida para as aplicações de uso geral.

Para se tirar proveito destas características do processador vetorial é necessário que o usuário escreva o seu programa de maneira que use intensivamente operações entre vetores. Por sorte, vários métodos utilizados para a solução de problemas de Física, Química e Engenharia podem ser facilmente vetorizados. Um exemplo clássico é a inversão de matrizes pelo método de Gauss. De imediato, é claro o aproveitamento destas características em problemas de Física de Plasma, Física do Estado Sólido e Física Atômica e Molecular. Na Química, no estudo da estrutura molecular, na Matemática, no desenvolvimento de algoritmos para a solução de equações, na Engenharia do Petróleo, no estudo de transmissão de calor em redes neurais, isto para citar áreas em que já se conhecem pessoas prontas a fazer suas aplicações.

Do ponto de vista do usuário geral nós teremos vários aplicativos, por exemplo o SAS, de utilidade para geólogos, economistas, sociólogos e além, claro, dos estatísticos. Esta máquina será também um ponto de apoio à reforma administrativa que se processa na Unicamp.

Este conjunto de aplicações não é nem de longe completo, mas mostra as preocupações de várias pessoas que participaram da especificação deste equipamento. A criatividade de nossa comunidade deverá superar de longe as aplicações citadas. Porém, é preciso que fique claro que nem todas as demandas de recursos computacionais terão nos equipamentos a melhor solução. Nos últimos anos nós começamos a presenciar uma enorme mudança na área de informática no mundo. Vinte anos atrás quem precisasse de recursos computacionais levava sua caixa de cartões ao centro e esperava pela listagem de resultados. Hoje vários pesquisadores possuem micros mais potentes que os computadores de anos atrás. Com esta diversidade de recursos à disposição nós temos que pensar num conjunto de equipamentos, numa boa rede que interconecte todos eles, na qual um equipamento do porte deste IBM ou maior deverá estar presente como um importante ponto de apoio a um conjunto de aplicações, somado a um conjunto de equipamentos específicos distribuídos pela Unicamp, tais como mínis e estações de trabalho. Mas isto espero seja a história do Eximbank e que alguém deverá contar em breve.

Fernando Paixão é professor do Departamento de Eletrônica Quântica do Instituto de Física da Unicamp.

CARTAS

Vestibulanda de 1990

"Sou estudante do curso preparatório para vestibular Objetivo. Tive o prazer de visitar as dependências do Salão de Convenções da Unicamp, dia 23 de abril, na XXVIII Convenção Distrital de Lions Clube. Tomei conhecimento do **Jornal da Unicamp**, no qual fiquei muito interessada. Como pretendo prestar os exames vestibulares para 1990 nesta conceituada universidade, peço-lhes uma assinatura do jornal. Ele me será muito útil na minha fase preparatória para os vestibulares." **Adriana Camargo Patrão — São João da Boa Vista.**

A Floresta de um Milhão de Mudas

"Fiquei maravilhada com o conteúdo do **Jornal da Unicamp**, que gostaria de assinar. Por favor, mandem informações. Sou amante da tecnologia e do progresso, mas defendo a ecologia. Fiquei encantada com a reportagem 'A floresta de 1 milhão de mudas" (n.º 28).' **Andréa Ferreira de Souza — Campinas.**

Biblioteca Raghi Kouri

"Tendo tomado conhecimento através de órgãos de imprensa da publicação periódica **Jornal da Unicamp**, de suma importância para a cultura brasileira, gostaríamos de obter a assinatura da referida obra, para enriquecer a nossa biblioteca com seções circulantes e permanentes. A Biblioteca Raghi Kouri, do Museu Histórico e Pedagógico 'Dr. Campos Sales', possui em média mil consulentes por mês, atingindo estudantes de nível colegial, universitário e o público em geral e seria enriquecida com tal doação." **Antonio Éuler Lopes Camargo — Chefe técnico da Biblioteca Raghi Kouri.**

De Aracaju

"Curso o terceiro período de engenharia química, na Universidade Federal de Sergipe e recentemente me associei à Sociedade Brasileira de Química — SBQ. Tendo recebido a revista **Química Nova**, dessa sociedade, há poucos dias constatei que a referida revista é co-editada pela Editora da Universidade Estadual de Campinas. Também recentemente soube da publicação do **Jornal da Unicamp**. Apreciando muito as duas publicações, desejo receber por assinatura o jornal, a fim de estar ciente do que ocorre nessa universidade." **Ana Cláudia G. de A. Silva — Aracaju.**

De Poá, SP

"Conheço um ex-aluno da Unicamp que recebe a publicação do **Jornal da Unicamp**. Considerando a publicação muito interessante e rica em informações diferentes e de grande importância, gostaria também de ser assinante. Caso seja necessária uma taxa para a assinatura, pagarei com o maior prazer." **Moisés Chahade Neto, Poá.**

De Santo André

"A direção da EEPSG Dr. Celso Gama solicita o envio para esta unidade de ensino, do **Jornal da Unicamp**. O nosso pedido deve-se à grande aceitação entre professores e alunos da citada publicação, especificamente no mês de abril/89, trazida por um professor. O recebimento regular desse jornal seria útil para os alunos entrarem em contato com as realizações e programações dessa universidade. A reportagem 'Escola pública surpreendeu outra vez no vestibular' serviu de incentivo para todos nós que atuamos na rede pública." **Edi Rosa de Carvalho, diretor.**

** O Jornal da Unicamp é distribuído gratuitamente aos interessados. Os pedidos recebidos serão atendidos prontamente.*

Jornal da Unicamp

Reitor — Paulo Renato Costa
Coordenador Geral da Universidade — Carlos Vogt
Pró-reitor de Pós-Graduação — Antônio Mário Sette
Pró-reitor de Graduação — Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Extensão — José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento — Ubiratan D'Ambrósio

Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas, SP. Telefones (0192) 39-3134/39-3148. Telex (019)1150

Editor Eustáquio Gomes (Mtb 10.734)
Redatores: Amarildo Carnicel (Mtb 15.159), Antônio Roberto Fava (Mtb 11.713), Célia Piglione (Mtb 13.837), Graça Caldas (Mtb 12.918), Paulo César do Nascimento (Mtb 14.812), Roberto Costa (Mtb 13.751)
Fotografia: Antoninho Perri (Mtb 828)
Ilustração: Oséas de Magalhães
Diagramação: Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Paste-up e Arte-Final: Oséas de Magalhães e Clodinei Luis de Souza
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais, Clara Eli Salinas e Clodinei Luis de Souza

FOTOLITOS E IMPRESSÃO
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP
Rua da Mooca, 1921 — Fone: 291 3344
Vendas, ramais: 257 e 325
Telex: 011 34557 — DOSP
Caixa Postal: 8231 — São Paulo
C.G.C. (M.F.) N.º 48 066 047/0001-84
GOVERNO DE SÃO PAULO

Vital Brazil, meio século de pesquisa

O reitor Paulo Renato entrega ao pesquisador o diploma de professor emérito.

Aos 77 anos, aposentado há sete, Vital Brazil ainda pesquisa e dá aulas.

O papa da toxicologia no Brasil recebe da Unicamp o título de professor emérito.

A história da toxicologia no Brasil ficaria incompleta sem a participação do professor Oswaldo Vital Brazil, 77 anos. Formado em 1939 pela antiga Faculdade Nacional de Medicina do Brasil — hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro —, ele, desde os sete anos de idade, começou a freqüentar os laboratórios de seu pai, o pesquisador Vital Brazil, que deram origem ao Instituto Butantã de São Paulo e ao Instituto Vital Brazil de Niterói.

A convivência desde a infância com a atividade científica despertou em Oswaldo Vital Brazil o gosto pela pesquisa. O desenvolvimento da toxicologia no país deve muito aos trabalhos de investigação que ele realizou. Em 1964, implantou o Departamento de Farmacologia na Faculdade de Medicina da Unicamp, onde fez escola. No dia 28 de abril último foi homenageado pela instituição com o título de Professor Emérito.

Ainda na quarta série do antigo curso ginasial o professor Oswaldo Vital Brazil começou sua iniciação científica. No Instituto Vital Brazil de Niterói (Rio de Janeiro), onde trabalhou até 1949, desenvolveu um relaxante muscular em substituição ao "curare" para ser aplicado em animais e em seres humanos. Esse relaxante, obtido a partir do alcalóide de uma planta conhecida popularmente como "parreira brava", também chegou a ser usado na França.

Em 1949, o pesquisador ganhou uma bolsa da "Comissão Nacional de Cultura", da Argentina, para trabalhar no Instituto de Fisiologia da Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires. Lá realizou pesquisas sobre o veneno da cascavel e da cobra coral. Em seguida, foi para o Departamento de Farmacologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, da USP, onde especializou-se em "farmacologia e fisiologia da junção neuromuscular e em toxicologia". Desenvolveu ainda várias técnicas de investigação farmacológica, principalmente nas áreas do sistema nervoso autônomo e junção neuromuscular. Essas técnicas foram inclusive aplicadas a outras pesquisas.

Com a colaboração do pesquisador Alexandre Pinto Corrado, Vital Brazil descobriu a ação neuromuscular da estreptomicina e de seu mecanismo. Essa pesquisa, publicada em 1957, alcançou repercussão internacional e ainda hoje é citada em outros artigos da área. A descoberta dos dois professores deu respostas a acidentes de "paralisia respiratória" que ocorriam no uso de antibióticos.

Em 1964, Vital Brazil veio para a Unicamp, onde implantou o Departamento de Farmacologia. Entre as pesquisas aqui realizadas destaca o estudo farmacológico da principal toxina do veneno da cascavel sul-americana, a "crotoxina". Essa pesquisa também teve repercussão internacional. Outro trabalho importante foi a farmacologia no veneno de duas cobras: **Micrurus frontares** e **Micrurus corallins**. Verificou-se, a partir desse trabalho, que o envenenamento produzido pela cobra **Micrurus** reagia a algumas drogas, em particular a neostilina, cuja administração permitia a sobrevida de animais injetados com doses letais desse veneno.

Embora tenha se aposentado em 1982, o professor Vital Brazil continua trabalhando no laboratório do Departamento de Farmacologia, onde constantemente é consultado por alunos e colegas da área. Além disso, continua ministrando algumas aulas. Atualmente, estuda os efeitos do veneno de cobras em cobaias para compreender as alterações provocadas no ritmo cardíaco das pessoas.

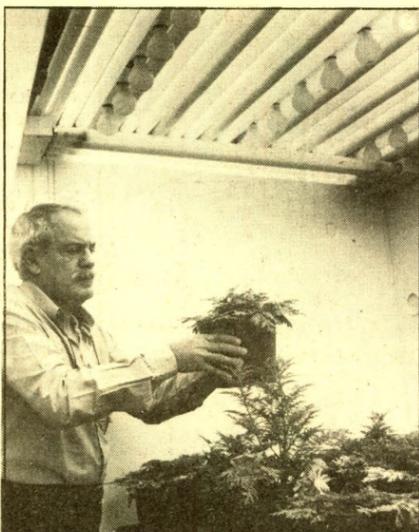
Em cinqüenta anos dedicados à pesquisa, o professor Vital Brazil acompanhou os avanços registrados nas ciências biomédicas e colaborou para alguns deles. Apesar das inúmeras críticas que comumente se faz às autoridades governamentais sobre os parcos recursos destinados à pesquisa, Vital Brazil diz que não tem queixas do sistema científico do país, porque sempre encontrou apoio de instituições de fomento à C&T, como o CNPq e a Fapesp, para a montagem dos laboratórios nos quais vem trabalhando. O título de Professor Emérito que acaba de receber da Unicamp é uma das muitas homenagens que vem recebendo ultimamente por seu trabalho. Na própria Universidade, de 1.º a 5 de março do ano passado, a Academia de Ciências do Estado de São Paulo fez do seu XII Simpósio sobre "Toxinas Protéicas" uma homenagem ao pesquisador. **(G.C.)**

Unicamp pode revolucionar combate à malária

Laboratórios do CPQBA desenvolvem uma droga a partir da artemísia, planta de origem chinesa.

O químico Walace Alves (esq.) e o engenheiro agrícola José Luiz Vasconcellos (dir.) integram a pesquisa multidisciplinar com a artemísia, que resultará na artemisinina, uma droga mais eficaz contra a malária.

Em 1988 foram registrados no Brasil 562 mil casos de malária, segundo dados divulgados pela Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam). A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que pelo menos 200 milhões de pessoas estão contaminadas ou expostas diretamente ao risco de contrair a doença. O quadro torna-se ainda mais delicado quando comparado a outra triste realidade: somente a China detém o know-how da produção da artemisinina, a droga realmente eficaz contra a malária. Porém no prazo de um ano esse cenário deverá sofrer substanciais alterações, quando o Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas da Unicamp (CPQBA) iniciar a produção do remédio, situando o Brasil como o segundo país a produzir a artemisinina em escala industrial.

O projeto teve início há cerca de um ano, quando pesquisadores do CPQBA mostraram-se sensíveis à necessidade de investigar uma droga para a cura da malária, que registrou em 1988 cerca de 542 mil casos somente na Amazônia, ou seja, 96% do total de casos notificados no Brasil. "Os tratamentos tradicionais, à base de cloroquina, não apresentam resultados satisfatórios", diz Walace Alves de Oliveira, diretor do Centro. Estudos revelam que os plasmódios — parasitas protozoários do gênero Plasmodium — criaram resistência à cloroquina, impedindo parcialmente a ação da droga e reduzindo sua eficácia para 30%, segundo estatística da OMS. Além da grande incidência da doença no país, outro fator contribuiu decisivamente para a união de esforços na obtenção da artemisinina: o alto preço do produto. O quilo da droga chinesa custa US$ 50 mil.

Sabedoria chinesa

O primeiro passo dos pesquisadores do CPQBA foi obter sementes da artemísia, planta nativa da China e utilizada há 2 mil anos no preparo de chás contra a febre. Porém, somente há 20 anos os pesquisadores chineses iniciaram estudos das propriedades terapêuticas da planta. No CPQBA, através da Divisão de Agrotecnologia, foram desenvolvidos métodos para o cultivo da planta e formação de mudas utilizando-se recursos técnicos de ambientes com temperatura controlada, como os fitotrons, as casas de vegetação, que permitiram obter mais informações sobre fertilização, épocas de plantio, longevidade das sementes e herbicida ideal. Após os ensaios de campo na fazenda experimental do Centro, foi criado então um sistema alternativo de produção de mudas. "Desenvolvimento vegetativo, fertilização orgânica, espaçamento e época de plantio são algumas das técnicas que já dominamos para a obtenção do material necessário às pesquisas fitoquímicas e de química de síntese", diz José Luiz Vasconcellos da Rocha, coordenador da área.

Na Divisão de Fitoquímica são realizados basicamente os trabalhos de extração e purificação da artemisinina. Nessa fase é escolhido o solvente adequado para a extração da droga vegetal e elaborado um processo de isolamento da artemisinina. Na Divisão de Química de Síntese, a artemisinina passa por transformações químicas para a obtenção de substâncias eficazes contra a malária. Estudos revelam que as folhas da artemísia possuem cerca de 0,1% de artemisinina, que em seu estado puro é pouco solúvel em água e por isso vem sendo adotado em forma de supositório. Um subproduto da artemisinina é o arteméter, solúvel em óleo e adotado na forma injetável. "Pretendemos produzir o supositório e a droga injetável para ensaios clínicos no prazo de um ano", diz o diretor do Centro.

O passo seguinte, segundo Oliveira, é a produção do artesunato de sódio, que entre outras vantagens apresenta boa solubilidade em água. Essa característica permite a produção da droga para administração via intravenosa ou oral, aumentando a ação do remédio. As pesquisas, segundo o diretor, devem prosseguir até o domínio total da técnica de produção sintética da droga. "Se atingirmos esse objetivo, eliminaremos todas as etapas de extração do produto a partir da planta", diz Oliveira.

Recursos escassos

Embora as pesquisas estejam bem avançadas, o projeto pode sofrer uma desaceleração. Esse fato decorre de um problema bastante comum nas instituições e centros de pesquisas do país: a escassez de recursos. Desde o início do projeto, a Unicamp vem solicitando aos agentes financiadores de pesquisa recursos da ordem de US$ 100 mil. "Mesmo com a evidente viabilidade do projeto e a certeza dos resultados a curto prazo, existe grande morosidade por parte dos agentes", lamenta Oliveira.

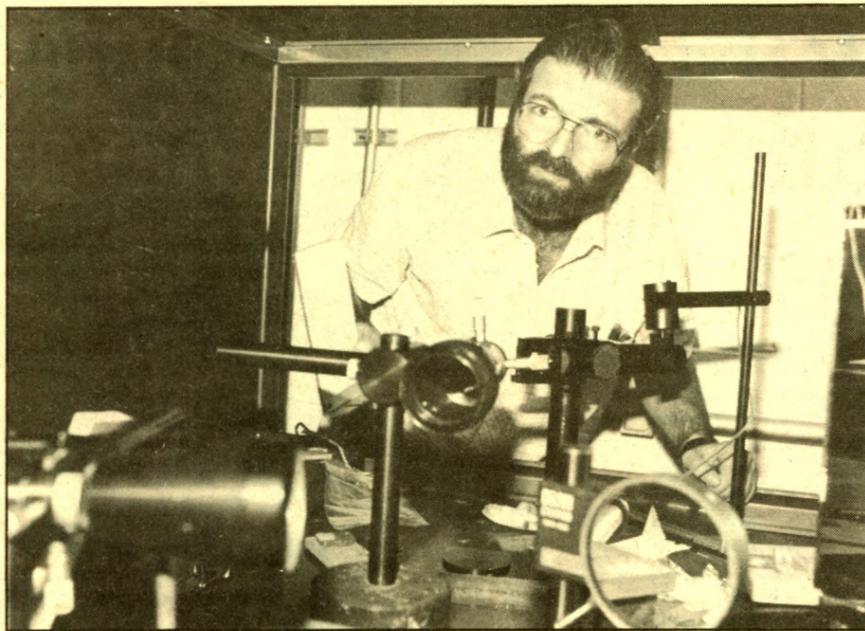
Enquanto não chega o dinheiro solicitado, os pesquisadores do CPQBA desenvolvem o projeto com recursos da própria Universidade. Se a solicitação fosse atendida ainda neste primeiro semestre, o tempo previsto para a obtenção do produto final seria sensivelmente abreviado: no prazo de um ano, a droga contra a malária — em ampola e supositório — poderia estar à disposição do mercado e não apenas nos ensaios clínicos. **(A.C.)**

Físico da Unicamp desenvolve tela especial e usa luz branca para gerar imagens em terceira dimensão.

Reunir um grupo de amigos em casa para assistir a um filme em terceira dimensão é um sonho futurista que não está muito longe de acontecer. Quem colabora para que esse dia esteja mais próximo é o físico José Joaquim Lunazzi, da Unicamp. Pesquisador da holografia há 20 anos, Lunazzi desenvolveu nos últimos cinco uma tela especial com microrranhuras que dispensa o raio laser para gerar imagens holográficas, substituindo-a pela luz branca. O pesquisador chegou à conclusão de que se utilizando de duas fontes diferentes de imagens — em televisão ou projetor de slides —, a projeção delas, passando pela tela, resulta na figura com vários planos de profundidade.

Lunazzi se utilizou do raio laser apenas para a confecção da tela especial que usa em suas experiências. Afinal, seria impossível obter, por outro método, a microestrutura de 1500 linhas por milímetro. O segredo de sua descoberta está justamente na maneira de montar a tela. "Essas linhas, em tamanhos micrométricos, pela propriedade de difração, podem receber a luz em diferentes direções e reorientá-la", diz.

"A tela não distorce a informação", complementa o pesquisador. O próximo passo, revela, está no aperfeiçoamento do projeto para que mais pessoas possam ver uma imagem de tevê em terceira dimensão ou mesmo a projeção de um slide. No momento, as pesquisas permitem que apenas uma pessoa veja a descoberta do professor da Unicamp, isoladamente.

A intenção, no futuro, é fazer com que as imagens sejam vistas por um número maior de pessoas ao mesmo tempo e possam ser reproduzidas em vídeo e até no cinema. Joaquim Lunazzi fez os experimentos gravando duas vezes a sua imagem em um vídeo. O resultado da projeção sobre a tela permite que se

As experiências de Lunazzi com a TV holográfica são o resultado de 20 anos de pesquisas na área.

Começa a nascer a TV holográfica

observe, quase saindo da projeção, na tridimensionalidade formada, uma pequena espátula de madeira que ele movimenta.

No caso dos slides, eles são fotografados normalmente e refletidos para a tela a partir de duas fontes e ângulos diferentes, e em seguida projetados em uma parede. Na imagem do logotipo da Unicamp, por exemplo, percebe-se a profundidade dos sulcos do desenho. O mesmo se pode observar em uma rosa, onde suas folhas parecem demonstrar o efeito de profundidade.

O mesmo se poderá fazer num futuro com imagens de computadores e com os videogames. Trata-se de uma imagem dupla do sistema ótico convencional. "Cada olho recebe uma nuance", acrescenta Lunazzi. O mesmo não se pode dizer da mesma cena fotografada pelo ser humano, com uma máquina fotográfica. A tridimensionalidade não se manifesta, já que há apenas um foco e apenas o olho humano consegue diferenciar as nuances.

Sem óculos

Autor, em 1969, do primeiro holograma na América Latina — um cisne plástico que ele fotografou usando o princípio básico da holografia —, José Joaquim Lunazzi é doutor em Física pela Universidade de La Plata, e até sua recente descoberta todas as pesquisas em holografia se utilizavam do raio laser e de óculos para a decifração da imagem holográfica. A partir de agora, o laser é usado apenas na confecção da tela, os óculos são dispensáveis. Na holografia convencional, a imagem de um objeto intermediário fica gravada em filme e ao ser iluminado espalha a sua imagem. Dependendo do ângulo em que é observado, há o efeito da tridimensionalidade.

Cores difusas

Há 13 anos trabalhando com holografia na Unicamp, Lunazzi sentiu uma evolução significativa de seu trabalho a partir de 1984. Tudo começou numa feira científica realizada na Alemanha, quando sua filha percebeu nos hologramas expostos algo que o despertou para a descoberta: Lunazzi percebeu que as cores difusas podiam conter os planos da tridimensionalidade.

Ele observou que na letra "E" do catálogo da exposição havia cores difusas, que implicavam na sua tridimensionalidade. A partir dessa constatação, o pesquisador iniciou a construção da tela que possibilitou revolucionar alguns conceitos da holografia, como a não utilização do laser e dos óculos para a visualização da imagem.

A próxima etapa consiste no aprimoramento da tela, possibilitando a observação do efeito por um número maior de espectadores. A tela desenvolvida na Unicamp tem apenas 20cm de lado. No caso de seu uso em televisão, o processo exige ainda a colocação de uma lente objetiva entre o projetor da tevê e a tela holográfica. A explicação para isso é simples: a imagem projetada pela televisão não se encontra sob a forma de raios de luz, mas na forma de raios dispersos. **(R.C.)**

Planejar a produção de ciência e tecnologia

Seminário discute o papel das universidades na formulação da política científica e tecnológica.

A necessidade de um planejamento global do sistema científico e tecnológico da América Latina foi o tema central do "III Seminário-Oficina sobre Planejamento de Ciência e Tecnologia na América Latina", realizado na Guatemala, de 10 a 21 de abril deste ano. O Seminário, que reuniu especialistas de diferentes países latino-americanos, entre eles o Brasil, discutiu o papel estratégico das universidades e das instituições de pesquisa na formulação de uma política científica e tecnológica que racionalize os recursos disponíveis e aproxime os pesquisadores do setor produtivo visando a redução do "gap" tecnológico com relação aos países do Primeiro Mundo.

Pela Unicamp participou a economista Sandra Brisolla, que integra o Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Universidade e também trabalha como assessora da Reitoria. Segundo a pesquisadora, o grande desafio que se coloca para a universidade hoje é saber conciliar os interesses específicos dos temas acadêmicos com as demandas do setor produtivo e da sociedade. Além disso, em função da necessidade de concentração de recursos, cada vez se torna mais imperioso direcionar essas verbas para programas integrados de pesquisa e desenvolvimento. Tal procedimento não implica, porém, na redução da autonomia das instituições mas na busca do estabelecimento de perfis diferenciados para maior eficiência do sistema. Também é fundamental preservar a liberdade de pesquisa para assegurar a criatividade.

A economista Sandra Brisola representou a Unicamp no encontro que reuniu especialistas latino-americanos na Guatemala.

Mudança de paradigma

A evolução econômica e social da América Latina na década de 80 foi analisada pelos participantes do Seminário, que procuraram contextualizar a importância da C&T no processo de desenvolvimento dos países. É sabido que a ciência e a tecnologia são variáveis fundamentais para o desenvolvimento do mundo contemporâneo. Tanto isso é verdade que, ainda hoje, países do Primeiro Mundo como os Estados Unidos investem atualmente 4% do seu PIB (Produto Interno Bruto) em C&T. Enquanto isso, o Brasil, apesar de todas as promessas do governo Sarney de chegar a 2% até o final de seu governo, até agora não conseguiu passar de 0,7% do PIB em gastos de P & D.

Durante o Seminário ressaltou-se ainda a mudança no paradigma técnico-econômico devido à informatização crescente do setor produtivo mundial e uso de novos materiais, em prejuízo dos países exportadores de produtos básicos. "Isso provocou um relativo deslocamento da economia mundial das fontes primitivas de materiais básicos, e fez com que o Primeiro Mundo passasse a depender menos dos produtos do Terceiro Mundo", comenta a economista. Esse fator associou-se à dívida externa para causar a crise na região.

Essa mudança de paradigma, segundo a pesquisadora da Unicamp, coloca problemas sérios para o futuro da América Latina pela tendência à drástica redução do custo da mão-de-obra direta e do conteúdo material no valor do produto final. A produção de valor é hoje cada vez mais uma produção científica, com alto conteúdo intangível. A saída para que os países do Terceiro Mundo deixem de ser produtores de insumos básicos para os industrializados só pode ser encontrada na Ciência e Tecnologia, daí a importância de um planejamento real do setor.

Para que seja dado o grande e necessário salto tecnológico, os países da América Latina devem, segundo seus especialistas, concentrar esforços na formação de pessoal de nível superior e na adoção de uma estratégia que vise a inserção desses países na nova dinâmica da economia mundial.

Conseguir isso, de acordo com Brisolla, implica na flexibilização do setor produtivo para a redução da obsolescência e aumento de sua produtividade. Mas a modernização do parque exige a construção de um sistema integrado que não comporta a grande diferenciação presente em nossa realidade.

Diante de tantos problemas, como pode a América Latina sair da crise econômica em que se encontra? A questão colocada no Seminário aponta para o imediato resgate da dívida social. Segundo os especialistas, não se pode mais conviver com uma população tão marginalizada como a da região e ao mesmo tempo promover sua modernização. Além disso, a América Latina precisa estabelecer o mais rápido possível sua estratégia de desenvolvimento científico e tecnológico, através do planejamento que permita o uso de seus recursos. Esse planejamento deve porém levar em consideração as potencialidades e as necessidades de cada país. **(G.C.)**

Atendimento odontológico gratuito da FOP já beneficiou quase 10 mil pacientes em Piracicaba.

O serviço é coordenado pelo prof. Miguel Morano Jr., que conta com a colaboração voluntária de 126 alunos.

Reunião de trabalho no Departamento de Odontologia Social: uma média de 15 pacientes diários.

Na FOP, um programa modelo

Baixo poder aquisitivo e falta de esclarecimento são os dois fatores que levam o Brasil a ostentar a nada honrosa condição de país recordista latino-americano de desdentados totais ou parciais, o que vale dizer que 44% da população brasileira possuem poucos ou nenhum dente. Apenas de 3 a 5% da população têm acesso a consultórios dentários, enquanto que o restante vê na extração do dente a única e mais cômoda solução de tratamento. Com isso, o boticão continua sendo, no Brasil, o instrumento de trabalho mais usado pelo dentista.

O Departamento de Odontologia Social da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP) está desenvolvendo, porém, um programa de atendimento odontológico gratuito que, pelo menos às pessoas de bairros periféricos, vai colaborar para que a incidência de cáries — e conseqüentemente os índices de extrações — seja consideravelmente reduzida.

Idealizado e coordenado há quatro anos pelo professor Miguel Morano Júnior, da disciplina de Educação para a Saúde, do Departamento de Odontologia Social da FOP, esse programa já atendeu a um contingente de quase dez mil pessoas. Trata-se de um trabalho voluntário realizado por um grupo de 126 estudantes da FOP, integralmente voltado para a comunidade carente, com atendimento na sede da Assistência Social Mariana (bairro Paulista, zona central de Piracicaba), onde são recebidos, em média, quinze pacientes por dia. Ali os alunos põem em prática basicamente o que aprendem na faculdade.

"É um serviço bastante distinto do realizado pela faculdade, que atende apenas pacientes conveniados, indicados por outros dentistas ou através de sindicatos. Aqui, o nosso paciente é aquele sem o menor poder aquisitivo, que mora nos mais distantes bairros, geralmente cortadores de cana", conta Morano.

Na Assistência Social Mariana atende-se a quase todo tipo de problema dentário, desde uma simples obturação até casos mais complexos, como a colocação de próteses, por exemplo, "exceto tratamento de canal, por falta de um aparelho de raio X", esclarece Morano. Ele revela que está se empenhando para conseguir um desses equipamentos porque sua utilização é de extrema importância, principalmente para a realização de cirurgias.

Saúde bucal

Piracicaba, hoje com 450 mil habitantes, é uma cidade privilegiada. A água que abastece a cidade é fluoretada desde 1971, e de lá para cá, segundo cálculos de Morano, o índice de cáries foi reduzido em aproximadamente 40%. No entanto, só o flúor — elemento responsável pelo fortalecimento do esmalte dos dentes, contribuindo para aumentar a resistência às cáries — não é suficiente para que se tenha uma dentição sadia.

"Limpeza bem feita e consultas periódicas ao dentista são fatores preponderantes para conservar a saúde bucal", ensina o especialista. No entanto, apenas entre 3 e 5% da população brasileira, índice que vale também para a população de Piracicaba, têm acesso a dentistas. O restante opta pela extração.

E é exatamente contra as extrações desnecessárias que o grupo coordenado por Morano vem lutando. "A extração de um dente só deve ser feita em último caso, quando não houver outra alternativa de tratamento; para muitos, entretanto, arrancar um dente significa a solução mais cômoda e adequada", observa Wagner Atayde Baretti, aluno do 1.° ano de odontologia.

Mas o grupo voluntário da FOP não restringe seu trabalho apenas aos clientes que procuram a sede da Assistência Social Mariana: atua também junto às comunidades de bairros periféricos, onde há os chamados "líderes", isto é, pessoas que coordenam o processo de arregimentação dos clientes para tratamento, detectando os problemas, que podem ser um caso de prótese, cirurgia ou restauração. Os clientes, depois de passarem por uma triagem, são tratados na sede da Assistência Social.

Segundo Ana Cláudia Morandini, do 3.° ano - reponsável por toda organização do atendimento, triagem e calendário dos alunos -, a experiência do programa não se limita apenas aos alunos, mas também à população que tem se beneficiado muito com ele. O interessante nisso tudo, conforme observações da estudante, é que os resultados têm sido bons: "As pessoas absorvem com seriedade as informações que passamos a elas sobre a melhor maneira de conservar os dentes, basicamente através da escovação adequada".

A criatividade ali é constante; os equipamentos são muito simplificados "mas nem por isso o trabalho deixa de ter qualidade", avalia Simone Garcia Costa, aluna do 3.° ano. De acordo com Morano, os serviços do grupo têm alcançado resultados tão surpreendentes junto aos clientes, que já serviram de modelo para outras faculdades de odontologia do país. **(A.R.F.)**

Unicamp inova no atendimento a deficientes

"Gabriel Porto" oferece curso por correspondência para pais de crianças com deficiência auditiva.

A linguagem para o deficiente auditivo vai muito além da fala e é movida por laços afetivos.

Maria Cecília: comunicação direta, pelo correio, com 320 famílias brasileiras.

No Brasil há, hoje, um contingente de aproximadamente 150 mil crianças com deficiências auditivas. Esse quadro poderia ser bem diferente não fosse a absoluta falta de profissionais especializados na área, uma vez que, segundo dados extra-oficiais do Unicef, entre 95 e 98% da população infantil da América Latina têm acompanhamento ineficiente ou simplesmente sem qualquer tipo de acompanhamento.

Como melhorar esse atendimento às crianças deficientes num país em que o índice de mortalidade infantil é, no mínimo, assustador (das cerca de 3,5 milhões de crianças que nascem a cada ano no Brasil, 360 mil morrem antes de completar cinco anos), e onde crianças ainda morrem de rubéola e desidratação, por exemplo?

No que diz respeito ao tratamento de deficientes auditivos, o Centro de Reabilitação Prof. Gabriel Porto, ligado à Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, há pouco mais de um ano instituiu um curso até então inédito no Brasil. Trata-se de um curso por correspondência destinado a pais de crianças com deficiências auditivas, e que está, de imediato, beneficiando cerca de 320 famílias brasileiras.

Esse curso, totalmente gratuito — mantido há vinte anos pela Clínica John Tracy, Los Angeles, Califórnia — foi introduzido no Brasil pela fonoaudióloga Maria Cecília Marconi Lima, professora de Educação Especial e Reabilitação do Centro de Reabilitação Prof. Gabriel Porto. O objetivo básico do curso, segundo ela, é oferecer à família da criança deficiente a oportunidade de receber em casa informações sobre como agir e interagir com a criança e o apoio emocional constante, a fim de que enfrente esse problema de maneira a não prejudicar o seu próprio desenvolvimento.

O curso é composto de 12 lições, adaptadas do material elaborado pela John Tracy — onde Maria Cecília trabalhou durante dois anos. Os pais ou familiares, ao cumprirem a lição do mês, devem enviar ao Centro de Reabilitação o relatório sobre a evolução do aprendizado da criança. Só depois de receber esse relatório é que o centro envia, pelo correio, a lição seguinte. E assim sucessivamente. É através desses relatórios que o centro desenvolve um processo de atendimento individual às famílias. Esse atendimento individual, através de correspondência, visa a tratar dos problemas específicos, aproveitando cada nova chance de desenvolvimento da criança, propiciando um treino adicional, dentro das atividades diárias da criança, juntamente com a família.

"Nós enviamos doze lições, cada uma dividida em quatro partes envolvendo aspectos de comunicação, desenvolvimento da criança, atividades diárias e o relatório no final do mês. A partir desse relatório, respondemos e enviamos a lição seguinte", explica a fonoaudióloga. Através delas os pais aprendem a reconhecer e importância do filho em aprender e desenvolver a leitura labial, e como incentivá-lo nesse aprendizado. "Ensinamos que a linguagem vai muito além da fala. Se a criança conseguir ler os lábios, isto é, entender a linguagem, vai começar a tentar repetir", diz Maria Cecília. Ressalta, no entanto, que outro fator importante do curso é a manutenção da disciplina.

A primeira idéia do pai é, segundo sua análise, diferenciar o tratamento que dispensa ao filho deficiente auditivo, cedendo mais do que com os outros, o que pode levar a criança a tornar-se birrenta, mimada demais, prejudicando o seu próprio desenvolvimento.

Sem escolas especiais

De acordo com as observações da professora, os relatórios que tem recebido dos pais denotam um progresso considerável por parte dos filhos, que se animam principalmente por terem conseguido alcançar um nível maior de comunicação com eles.

"Essa comunicação é extremamente importante tanto para a criança quanto para os pais e familiares, uma vez que há poucos livros editados no Brasil sobre o assunto e também poucos profissionais", argumenta Maria Cecília, salientando que os pais de crianças deficientes auditivas desconhecem suas capacidades educacionais e ignoram ainda as oportunidades que um aprendizado constante proporciona. Além disso, as escolas especiais dos grandes centros normalmente estão com excesso de alunos e as vagas demoram a surgir. Em muitos casos, famílias mais carentes chegam a encaminhar o filho para a escola e julgam que o problema está resolvido.

"Infelizmente, essas crianças perdem as oportunidades geradas em casa, onde a identificação é movida pelos laços afetivos que facilitam o processo educacional. No entanto, esse fenômeno ocorre já há algum tempo, tanto no Brasil como em outros países", avalia a fonoaudióloga.

O curso, no entanto, não se restringe aos pais ou familiares; estende-se também a profissionais interessados, que, de uma forma ou de outra, possam auxiliar no processo de difusão e orientação de famílias que ainda estão tomando conhecimento do problema da criança. Quanto aos educadores, especificamente, sua tarefa vai desde prestar apoio aos pais a fim de que enfrentem o problema de maneira consciente, assim como das reais possibilidades e limitações do deficiente auditivo, até informações de como a criança se desenvolve quanto aos aspectos motores, de comunicação e de linguagem geral. Além disso, deverá oferecer fontes adicionais de informação e ajuda aos pais através de bibliografias, nomes de instituições e associações destinadas ao trabalho com deficientes.

Quanto aos pais e familiares, a fim de que possam desenvolver uma apreciação da importância deles como meio de comunicação com a criança, utilização de meios diversos nas atividades de vida diária, visando a encorajar o desenvolvimento e a compreensão da linguagem da criança. Pais e familiares que tenham crianças com deficiência auditiva e professores/educadores interessados em trabalhar com esse público poderão escrever para o Centro de Reabilitação Prof. Gabriel Porto, Rua Dr. Quirino, 1.856 — CEP 13015 — Campinas — SP, aos cuidados de Maria Cecília Marconi Lima. **(A.R.F.)**

Entrevista: Octávio Ianni

"A Nova República está no fim"

O sociólogo Octávio Ianni, 62 anos, foi contratado pelo Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia da Unicamp, onde já está lecionando sobre "Teoria Sociológica" para o programa de pós-graduação da área. Na Unicamp, Ianni, que já desenvolveu pesquisas sobre raças, classes sociais, o Estado, a questão cultural e tantas outras publicadas em livros, retoma agora suas pesquisas sobre Teoria Sociológica, não só sobre a controvérsia teórica, mas sobre a crise nos paradigmas da sociologia. Vem trabalhando também na história socio cultural da América Latina. Nesta entrevista ao ***Jornal da Unicamp****, Ianni faz uma análise sociológica dos anos 80 e prevê mudanças profundas na sociedade brasileira.*

Octavio Ianni: "Desde Juscelino estamos sendo governados por burocratas, quando é de um estadista que precisamos".

Jornal da Unicamp — Quais os fatores mais marcantes da década de 80, em termos de uma análise sociológica?

Octávio Ianni — O processo mais importante dessa década, inegavelmente, é o da redemocratização política do país. A Nova República está apenas começando. As forças sociais que estavam submersas, descontentes ou que não podiam se manifestar anteriormente, durante o governo militar, ainda estão em marcha. Além disso, seguramente, são elas que vão decidir, em última instância, o curso da Nova República. É perfeitamente válido pensar que a Nova República entrará em ciclos novos, alguns eventualmente de retrocessos, mas outros também de avanços em termos de conquistas democráticas, tanto no plano político quanto no social.

JU — Como o senhor vê a relação entre os movimentos políticos autônomos e os partidos políticos que parecem não mais corresponder às expectativas populares? Qual a sua reflexão sobre a reorganização visível na estrutura política do país?

Octávio Ianni — Esse é um problema difícil. Os partidos tradicionalmente no Brasil são máquinas eleitorais e freqüentemente personificadas em torno de figuras de caráter populista, demagógico, burocrático, figuras que, devido ao exercício de funções públicas ou ao modo pelo qual estão presentes no cenário político, fazem com que os partidos políticos se identifiquem com elas. Isto, é claro, tem um efeito tremendamente negativo na estruturação dos partidos enquanto uma instituição que representa setores da sociedade e que exerce um diálogo nacional entre estes e o Estado nacional. Essa, porém, é uma tradição difícil de ser superada. Paralelamente a esta situação, verificamos que as forças sociais nos diversos níveis da sociedade, e em especial nos setores populares, estão manifestando uma criatividade política muito grande ao nível da legalidade vigente. Aí se pode dizer que os sindicatos e partidos, como o PT - que é um exemplo bastante válido -, expressam essa combatividade e esse empenho em fazer com que certos interesses de setores populares sejam representados e que se manifestem no cenário nacional através das lutas sociais que ocorrem na cidade e no campo. A despeito inclusive da brutalidade, da repressão, essas manifestações continuam. A força desses movimentos está associada freqüentemente às inquietações de setores médios e até da classe dominante. Tudo isso leva a supor que o país pode caminhar para conquistas democráticas ainda mais avançadas. O que não se compreende, por outro lado, é porque subsistem ainda formas extremamente arcaicas, anacrônicas, autoritárias, patrimoniais e antidemocráticas de gestão da coisa pública. É inegável que, para as classes dominantes, a gestão obscura da coisa pública é altamente conveniente. Mas a força dos movimentos sociais, repito, deve levar a uma nova forma de organização da sociedade e do Estado brasileiro.

JU — O senhor então vê com otimismo a força dos movimentos sociais que teriam inclusive o poder de consolidar a democracia no país?

Octávio Ianni — Não há dúvidas. Quem lê o presente com o sentido da história pode perfeitamente ser otimista. Veja, é um otimismo naturalmente temperado, porque está lançado num nível que transcende os meses, os anos e até mesmo as décadas. Às vezes é um otimismo que transcende até a biografia das pessoas. A história mostra que a sociedade brasileira, aliás, como outras, está em marcha, que as transformações estão em curso e que a despeito dos retrocessos e do obscurantismo de alguns setores da sociedade, essa marcha levará a novos horizontes.

JU — As eleições de novembro para presidente encerrariam um ciclo histórico?

Octávio Ianni — Encerrarão o ciclo da Nova República, que compreendeu a eleição de Tancredo, a posse de Sarney e a promulgação da nova Constituição. Com as eleições de novembro haverá um ato que corresponde a uma espécie de coroamento do processo de transição de um ditador militar para um presidente democraticamente eleito. Esse fato configura um ciclo da história do país, de curta duração. O novo ciclo que se antevê está alimentado pelos movimentos sociais, pelas lutas de trabalhadores da cidade e do campo.

JU — De que maneira a frustração com a resolução dos problemas sociais e econômicos contribui para a conscientização política do cidadão?

Octávio Ianni — Esse é um problema da maior importância. Sempre me pergunto como se explica que um país com cento e tantos milhões de habitantes como o Brasil esteja sendo governado há décadas por burocratas e não por estadistas. Isso é anômalo. É difícil viver em um país que é governado por equipes de burocratas, de políticos que não têm a capacidade de falar à nação, como fazia um Juscelino Kubitschek, por exemplo. Ora, uma nação dessa envergadura, em termos de complexidade social, não pode ser governada durante décadas por burocratas que não têm o sentido da nação. Essa situação provoca um profundo pessimismo, um profundo mal-estar, ao mesmo tempo que desilude e frustra setores importantes da sociedade, não só dos setores populares. Ao mesmo tempo, é um fermento político que faz com que as pessoas tomem consciência de sua relação, enquanto indivíduo, com a sociedade e o Estado e provoque um processo geral de repolitização.

JU — O senhor acredita que entre os candidatos à presidência haveria algum com a visão de um estadista?

Octávio Ianni — Acho que não.

JU — Então não será ainda desta vez?

Octavio Ianni — Pelo que leio e ouço de vários candidatos, nos vários níveis do debate político, ainda está por se manifestar aquele que pode vir a ser um estadista. Em todo caso, alguns dos candidatos mais jovens estão revelando um potencial efetivo. É de se esperar, portanto, que dentre esses eventualmente surja um ou vários que possam ser políticos de envergadura, que consigam interpretar a nação sem esquecer que ela é contraditória, diversificada e ao mesmo tempo desigual. Penso, em termos muito provisórios, que Covas e Lula possam vir a se tornar estadistas. Diria, no entanto, que Ulysses não tem a figura de um estadista. Collor definitivamente também não. Jânio inegavelmente não é um estadista. É um ator anacrônico. A proposta de Brizola, ao nível da subjetividade, é muito autêntica, íntegra. Mas é também uma proposta anacrônica. A hipótese de um capitalismo nacional, de um Brasil economicamente soberano e capaz de ser independente em face de interesses da multinacionais, que está no discurso de Brizola, é uma proposta anacrônica, derrotada em 64.

JU — De que maneira os intelectuais têm contribuído ou se omitido para a manutenção de um discurso economicista?

Octávio Ianni — Os intelectuais estão em todas. Há intelectuais em posições autoritárias, escrevendo um discurso economicista, mesmo quando não são economistas, como Jaguaribe, que faz um discurso tecnocrático. Há intelectuais em diferentes posições, em todas as barricadas. Esse é um problema extremamente importante e ao mesmo tempo difícil. Não há dúvidas de que tanto a luta pela conquista do poder como a luta pela preservação do poder contou sempre com intelectuais, seja escrevendo o discurso pela conquista do poder, seja pela preservação do poder. Aí se coloca um problema clássico: a história do pensamento nas Ciências Sociais, a história de que o jogo do poder, o duelo pelo poder, o movimento da sociedade, os movimentos sociais, todos os conhecimentos fundamentais da história da sociedade contam sempre com intelectuais de diferentes tipos, de diferentes procedências, de diferentes especialidades ou diferentes linguagens. A rigor, os políticos, os setores populares, os movimentos sociais, os partidos criam seus intelectuais. E quando não conseguem desenvolver por eles mesmos a produção intelectual de que necessitam, convocam outros intelectuais. Essa convocação é permanente e continua. E o intelectual está sempre desafiado pelo fascínio do poder.

JU — Esse fascínio não seria incoerente à necessária postura crítica e científica?

Octávio Ianni — No meio intelectual, especialmente no campo das Ciências Humanas, bem ou mal todos ou quase todos são levados a pensar na questão do poder. Essa reflexão, à medida que se desenvolve, obriga a reconhecer que a sociedade não só é diversificada, mas desigual, que há problemas, injustiças e que, em última instância, a resolução da questão social passa pela reorientação ou pela reestruturação do poder. Tudo isso leva o intelectual a ter, em graus variáveis, naturalmente, um certo interesse ou mesmo fascínio pelo poder. Muitos têm a ilusão de que chegando lá vão poder conduzir o estado nacional segundo suas idéias. A história mostra que raramente isso acontece. O que mais freqüentemente se verifica é que o projeto do intelectual é obrigado a se ajustar ao jogo das forças sociais que predominam na sociedade, jogo que muitas vezes não foi ainda codificado pelo intelectual. O intelectual se surpreende com o fato de que a realidade não está se comportando de acordo com suas idéias. Mas há outros intelectuais — e eu conheço alguns desses —, que estão tão preocupados em praticar suas idéias que dão a impressão de estarem sempre à disposição daqueles que mandam para serem chamados ao exercício do poder. Claro que sempre na ilusão de que possam vir a pôr em prática as suas idéias.

JU — Em que medida a percepção do momento adequado para o exercício do poder é dificultado por força do jogo político?

Octávio Ianni — A percepção do momento oportuno para o exercício do poder, para a adoção de certas medidas, é algo que depende da formação teórica do intelectual e da sua sensibilidade política. É evidente que há casos de intelectuais que têm uma formação teórica excelente, de primeira categoria, mas cuja sensibilidade política não é tão grande. Recentemente, assisti a um diálogo num seminário entre um economista e um cientista político. O economista lastimava que as suas medidas para sanar as finanças do país não estavam sendo efetivadas porque o aparelho do Estado não tinha a agilidade e a racionalidade indispensáveis para isso. O cientista político, por sua vez, lhe dizia com certa graça e ironia que isto se devia ao fato de que os economistas não estavam lendo as análises que os cientistas políticos estavam fazendo do Estado brasileiro. Essas análises reiteram o tempo todo que esse Estado é excessivamente burocrático, com hábitos patrimoniais, com vícios de autoritarismo e que está muito impregnado de interesses privados de setores muito restritos da sociedade.

JU — É possível romper a estrutura desse aparelho do Estado com o voto?

Octávio Ianni — Está havendo um esforço no âmbito do aparato do Estado, por setores intermediários, tais como o segundo ou terceiro escalões, para modificar a estrutura da burocracia federal. Além disso, a sociedade pressiona, reivindica isso, e em algum momento a mudança deverá ocorrer. Não resta dúvida também que esse processo está caminhando de forma muito lenta devido à resistência de interesses patrimoniais, oligárquicos, interesses esses que estão incrustados no aparelho estatal.

JU — O empresariado nacional começa a dar mostras de inquietação frente às crises sucessivas que o país enfrenta. Seria esse o último sintoma de quebra do Estado?

Octávio Ianni — As manifestações dos empresários representam o descontentamento de setores dominantes do país com os rumos do governo. Eles lastimam a falta de capacidade que o governo está mostrando de gerir a coisa pública. O governo atravessa uma grave crise de credibilidade. Estamos sendo administrados, não governados, por uma equipe de burocratas com hábitos e uma cultura política anacrônica, que não corresponde ao tempo presente, que não está à altura do desafio da atualidade.

JU — E quanto à questão cultural, como o senhor analisa a década de 80 em termos culturais?

Octávio Ianni — A discussão sobre a década de 80 em termos sociais, políticos e econômicos fica incompleta se não lembrarmos que existe uma discussão cultural da maior importância, que é a dos meios de comunicação de massa. Os meios de comunicação são administrados e dirigidos por setores muito restritos da sociedade. Às vezes me pergunto se o panorama cultural e ideológico não é em certa maneira planificado e se os meios de comunicação, em lugar de colaborar no sentido de fortalecer e valorizar as instituições jurídico-políticas, não operam no sentido de prejudicá-las? Temos de nos lembrar que os meios de comunicação têm uma capacidade de criar temas, assuntos, de transformar às vezes um assunto secundário num assunto da maior importância. E isso freqüentemente tem um efeito muito sério nas correntes de opinião pública. Às vezes tudo isso vai num sentido positivo de informação, de abertura de temas dos mais diversos, do ecológico até a energia nuclear, desde o casamento da rainha até uma greve no Paquistão. Porém, junto com essa abertura, com essa multiplicidade de informações, não há dúvida de que muitas vezes vem um fantástico diversionismo. Para fazer frente à força e aos monopólios dos meios de comunicação, não há dúvida de que outros setores da sociedade precisam lançar mão dos mesmos instrumentos. Conhecer, criar e desenvolver meios de comunicação de modo a informar, divertir, esclarecer e descortinar perspectivas diversas daquelas que atualmente predominam. Há amplos setores da sociedade cujos interesses e criações, cujas idéias e fantasias não aparecem no horizonte da opinião pública, dos movimentos da sociedade, da luta pelo poder. **(G.C.).**

Civil colhe os frutos da integração

Alunos da Engenharia Civil acham que mudança para Campinas trouxe motivação ao curso.

Parecia mais um desses arroubos típicos de um grupo de jovens inquietos e inconformados como convém à própria juventude: muda uma faculdade inteira de lugar. Mas não é que aqueles loucos delirantes conseguiram! Alunos da Faculdade de Engenharia Civil, de Limeira, eles empreenderam uma luta sem tréguas por um ideal — e venceram. Recheada de episódios que dariam um bom livro de aventura, a odisséia pela transferência da FEL para Campinas caracterizou-se como um movimento de resistência à própria cidade onde a unidade estava instalada desde 1967, e só terminou na reunião do Conselho Universitário do dia 22 de novembro do ano passado que oficializou a mudança.

O entusiasmo dos alunos e o aumento da freqüência às aulas, agora que a faculdade ocupa instalações ainda que improvisadas no campus de Barão Geraldo, em Campinas, mostram que os estudantes não estavam enganados em seus propósitos. "Sabíamos que haveria uma revolução com a transferência. Mas os resultados estão superando as expectativas", exulta o quartanista Walter Zink Neto, presidente do Diretório Acadêmico da unidade.

Ele revela que o número de 120 alunos matriculados dobrou formando um animado contingente que além dos calouros inclui veteranos deslumbrados com o novo ritmo imposto pela mudança às suas vidas acadêmicas. Muitos deles haviam trancado matrícula ou se dedicavam pouco ao curso. "A motivação sem dúvida é maior depois que o curso veio para Campinas. Uma pesquisa que realizamos com 75% dos alunos da faculdade comprovou isso", atesta Fausto Emilio de Medeiros Filho, também quartanista e primeiro secretário do DA.

"Muda Civil"

O movimento pela transferência da FEL nasceu em 1986 com slogan "Muda Civil", uma analogia ao "Muda Brasil", bandeira da campanha para as eleições diretas deflagrada no país naquele ano. Porém ganhou impulso definitivo quando Medeiros e Zink, respaldados pela comunidade universitária, assumiram o DA em novembro 1987 com a proposta de reorganizar o órgão e fortalecer a luta. "Encontramos o DA em estado deplorável quanto a própria faculdade", lembra Zink. Ele recorda que faltava até papel, e conta que foram necessários seis meses de reestruturação financeira e material da entidade. Os recursos vinham da promoção de festas e sorteios, e da participação no caixa do bar da escola.

Mais difícil que a organização do movimento, entretanto, foi conviver com a reação da cidade, tradicional pólo agroindustrial do Interior paulista, 60 km de Campinas e com 250 mil habitantes. "Entidades já preparam **lobby** para permanência da FEL", estampou um dos jornais da cidade em uma de suas edições, demonstrando o descontentamento sobretudo da administração municipal local com a transferência. As pressões fizeram com que o DA, durante o processo de reestruturação do movimento reivindicatório, praticamente agisse na clandestinidade. "Foi um período comparável ao experimentado pela resistência francesa na ocupação nazista de Paris", ironiza Zink.

Fria realidade

A preocupação dos alunos era que alguma informação vazasse antes que o movimento estivese suficientemente maduro, o que poderia resultar em um retrocesso. Quando a luta foi deflagrada, entretanto, com passeatas no campus de Barão Geraldo, os líderes da campanha passaram a conviver com intimidações freqüentes, sofrendo perseguições e até ameaças de morte em telefonemas anônimos. A principal peça de resistência, entretanto, foi minucioso dossiê elaborado pelo grupo, com informações que impediram que as reivindicações ficassem apenas na retórica. "Não queríamos parecer simplesmente mais um bando de estudantes gritando palavras de ordem na porta da reitoria. Era preciso sustentar com números nossos argumentos", observa Zink.

E os números mostraram a fria realidade de uma faculdade em situação quase pré-falimentar, lembram Zink e Medeiros. Um dos problemas mais sérios era o alto índice de ociosidade de vagas — das 375 vagas oferecidas apenas 120 estavam sendo ocupadas, revelando uma evasão de 70%, — provocado principalmente pela falta de integração do curso aos demais institutos da Unicamp e pela desvinculação da faculdade do setor produtivo da cidade. Os docentes também abandonavam a instituição em busca de outros centros universitários com melhores condições de trabalho, e o reflexo desse quadro era a baixa produção científica. "Ou a faculdade mudava para Campinas ou seria obrigada a fechar as portas", afirma Zink.

Costura política

Além da organização e determinação dos estudantes, colaborou para o êxito do movimento "Muda Civil" o apoio recebido do diretor da FEL, Dayr Schiozer, e do próprio reitor da Unicamp. Ainda durante a campanha para reitor, Paulo Renato Souza ouviu atentamente as ponderações dos alunos e da ala mais jovem dos professores da unidade, que já então desejavam ardentemente a mudança. Os alunos por uma questão de convivência com a comunidade discente, os professores porque queriam estar próximos das demais engenharias e também dos cursos de pós-graduação. O então candidato já naquela ocasião assumiu o compromisso de viabilizar a transferência, caso fosse eleito.

Paulo Renato foi eleito, mas nem por isso, segundo ele, a transferência se mostrou fácil de ser resolvida. Inúmeros problemas políticos tinham que ser contornados. Em primeiro lugar, administração municipal alguma aceita abrir mão de uma escola em funcionamento há anos, especialmente de nível superior, e mais ainda, que leve o nome de uma instituição como a Unicamp. Esta foi a principal razão da demora no processo, que exigiu um "trabalho de costura política" admite hoje o reitor.

O inconformismo dos vitoriosos estudantes, porém, ainda está longe de se arquietar. Contrários à instrumentalização das instituições universitárias por grupos político-partidários — "os interesses da comunidade universitária acabam sendo preteridos em favor de questões partidárias", argumentam Zink e Medeiros — eles querem o fim do sectarismo que tomou conta das lideranças estudantis no campus. "Estão confundindo politização com partidarismo. O atrelamento aos partidos políticos tem apenas dividido a comunidade e está levando ao descrédito as lideranças estudantis", sentenciam, deixando ler nas entrelinhas o desejo de uma nova revolução. **(PCN)**

Para os líderes da "Muda Civil", movimento vingou porque foi além da simples contestação.

Aos 15 anos, Flávia chega à universidade

Carioca e filha de pais jornalistas, ela é a universitária mais jovem do País.

Tímida, ela convive com muita naturalidade no meio acadêmico e pretende seguir a área de Engenharia Genética. Assim como muitos brasileiros, irá votar pela primeira vez para presidente da República neste ano, mas quase não lê jornais ou assiste televisão. Prefere estudar e dedicar-se a livros de biologia e literatura francesa. Quase sempre com uma mochila nas costas e às vezes segurando frascos contendo insetos, não imagina que ela tem algo incomum em relação aos demais estudantes da Unicamp: com apenas 15 anos de idade, Flávia Natércia da Silva Medeiros está cursando o primeiro ano do curso de Biologia e é, seguramente, a mais jovem aluna da Universidade.

Natural do Rio de Janeiro e filha dos jornalistas Antonieta Natércia da Silva e Carlos Alberto Medeiros, Flávia tinha apenas um ano e meio quando foi matriculada no curso maternal da escola onde sua mãe lecionava, o Colégio Luso Carioca. Aos quatro anos já sabia escrever, prodígio possibilitado por um método experimental de leitura que a mãe ensinou através de jogos e quebra-cabeças. E embora tenha ingressado no primeiro grau aos cinco anos, sem ter freqüentado a primeira série, sua infância, conforme relata, foi a mesma de outras crianças, sempre ao lado de colegas da mesma faixa etária e com muitas brincadeiras. A leitura, porém, nunca deixou de fazer parte de seu dia-a-dia. "Perto da escola havia uma livraria onde eu sempre comprava livros infantis", diz.

Além de nunca ter sido reprovada nos vários colégios onde estudava, Flávia, aos nove anos e cursando a 5.ª série do primeiro grau, começou a praticar esportes: natação, voleibol, basquete, handebol e ginástica aeróbica. Beneficiada por sua altura — mais de 1,70m — treinou algum tempo no time de vôlei do Bradesco, no Rio de Janeiro. Três anos mais tarde, no último ano do primeiro grau, iniciou estudos de língua francesa que está para concluir.

Flávia: engenharia genética e autores como Camus e Sartre no original.

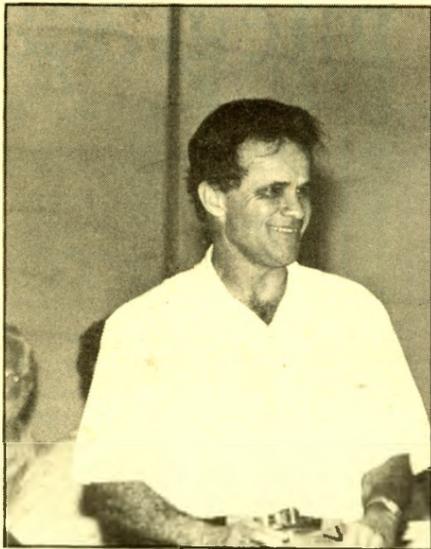
O *debut* na Universidade

Atualmente morando com amigos em Barão Geraldo, região da cidade que abriga a Unicamp, Flávia diz que não sente muita diferença entre o lugar onde reside e o bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Lá ficaram seus pais e o irmão de 14 anos, Diego Pablo, que freqüenta a sétima série do primeiro grau. "Ele é um grande amigo meu", afirma deixando transparecer saudade. Para ela, o provincianismo dos bondes de Santa Tereza e o sossego de Barão Geraldo têm muito em comum.

Esta garota meiga que surpreendentemente já completou o 2.º grau sorri com a comparação de seu ingresso na Unicamp a um baile de debutantes. Meio encabulada, ela revela que encara o fato de entrar para uma universidade, ainda que aos 15 anos, com muita naturalidade. "Nunca enfrentei problemas de adaptação aos estudos. É como se eu tivesse a mesma idade dos outros alunos. Não sinto diferença. As pessoas é que acham que sou um fenômeno, mas não é nada disso", desconversa.

Camus, Sartre e García Marquez

Embora tenha lido várias obras de escritores brasileiros como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, e ainda o colombiano Gabriel García Marquez, Flávia prefere autores franceses para treinar o idioma que está aprendendo, e já leu obras originais de Albert Camus e Sartre. Como não fez cursinho preparatório para ingressar na Unicamp, ela atribui sua aprovação no vestibular justamente ao fato de ler muito, e avalia que "a prova foi inteligente".

A opção de Flávia ao curso de Biologia decorre do entusiasmo pelos avanços que estão sendo obtidos pelos cientistas na área de Engenharia Genética. E seguir esse caminho é o seu projeto de vida, sem deixar de lado a prática de esportes e o curso de Francês, como ela mesma enfatiza. "A possibilidade de conseguir resultados incríveis é o que mais me fascina na ciência." **(C.P.)**

Benito Juarez: "Não é uma escola para ensinar, mas para ajudar a desenvolver."

Ana Cristina: "Uma visão mais completa de minha própria música."

Hermilson: guitarra recém-chegada de Goiânia e planos para o futuro.

A música popular entra no currículo

A Unicamp instala o primeiro curso de música popular da América Latina.

"Os alunos estão comendo música com farinha." Exageros à parte, o depoimento de um docente do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp reflete o clima que os estudantes vivem nos primeiros dois meses do curso de música popular, que começou a funcionar neste ano e reúne 20 alunos. Quando o professor Alberto Trindade de Correa fez a comparação da farinha com a música, sabia o que estava dizendo. Basta assistir a uma das aulas ou até mesmo ouvir o que o guitarrista Hermilson Garcia, 20 anos, recém-chegado de Goiânia, tem a dizer sobre o seu futuro daqui a quatro anos. Ele nem pensa em voltar para Goiânia. "Daqui meu caminho é São Paulo e Nova Iorque", prevê com entusiasmo.

Apesar do pouco contato que teve com seus novos alunos, outro professor, Eduardo Andderson Duffles Andrade, tem opinião semelhante. "Eles são feras. Não estão aqui por diploma. Estão atrás de conhecimento." Professor de apreciação musical, Andrade sentiu o entusiasmo quando foi procurado pelos estudantes para aulas fora do horário normal. Sua disciplina, definida por ele próprio como "ouvir música com critérios", consiste em se conhecer numa música a função de cada instrumento.

Um exemplo prático se deu numa música de Louis Armstrong. No piano, dois alunos tentavam reproduzir a melodia executada no disco. O baterista imaginava o seu ritmo e assim por diante com os demais instrumentos. Conhecer a função de cada instrumento — para muitos uma habilidade que exige anos de estudos — pode ser mais bem aprimorada. O diretor do departamento, Benito Juarez, regente da Orquestra Sinfônica de Campinas, já colocou à disposição dos novos alunos os ensaios da orquestra. "Vocês têm liberdade para andar entre os músicos, observar atentamente cada instrumento e sentir a função deles", ofereceu.

Benito fala isso de cátedra. Em 1971 ele chegava ao Instituto de Artes da Unicamp para ser o primeiro contratado. Formou o coral da Universidade, assim como já fizera na USP, e implantou, em 1975, a Sinfônica de Campinas. "O fio condutor desse processo — disse referindo-se à formação do curso de música popular, inédito em termos de América Latina — tem muito a ver comigo. Aqui não é uma escola para ensinar, mas sim para desenvolver. Uma forma de adestramento."

O curso

De fato, não foi fácil chegar ao estágio atual, com o curso em funcionamento: existiam alguns problemas, como a falta de um estúdio próprio. A organização de uma equipe em 1986, para a elaboração do projeto, foi o primeiro passo. A aprovação veio dois anos depois, quando o Consu — Conselho Universitário — deu o aval, mesma época em que um dos integrantes daquela equipe, o sociólogo especializado em música popular, Valter Krausche, faleceu.

O primeiro vestibular foi realizado para a turma de 1989. Dos inscritos sobraram 20, de diferentes cidades. Ana Cristina Fricke Mate, 22 anos, veio de Ijuí (Rio Grande do Sul). Compositora, toca violão e diz que o curso está dando uma "visão mais completa da minha música". Já Pedro Paulo Ribeiro de Lia, o Pepa, de 20 anos, é de Campinas, e pretende especializar-se em bateria, que já toca há algum tempo. Ele tem reclamações para a carga horária, muito grande, imposta ao primeiro ano, por problemas burocráticos da implantação do curso. Pepa argumenta que algumas matérias, como história da arte, poderiam ser programadas mais para a frente. Mas acha "interessante o convívio, os grupos de alunos".

Outro aluno de música popular está unindo o útil ao agradável. É Marcelo Giorgetti, 26 anos, que começou a montar um estúdio particular com o dinheiro que ganhou com a dupla "Marcelo e Xingu", promovendo bailes e shows pelo Estado.

A maior parte desses alunos toca algum instrumento, como os cinco guitarristas, quatro pianistas, quatro bateristas, além de quatro mulheres que vão-se dedicar ao canto e outros esperam dedicar-se ao baixo.

Indistintamente eles projetam seu futuro, sonham com o momento da glória e da fama. O goiano Hermilson, por exemplo, já deve estar guardando seus dólares para chegar a Nova Iorque ao fim do curso, como planeja. Outro aluno, Marcelo Giorgetti, com certeza, tem na mente estar produzindo som de sucesso, em seu estúdio, já quase uma realidade. O espelho pode ser o mesmo e conhecido Benito Juarez, que hoje os convida para assistir aos ensaios da Sinfônica de Campinas. Um convite que pode transformar-se no primeiro passo para tocar na própria Sinfônica ou em outras. Questão de tempo e de experiência. **(R.C.)**

Aula? Show? Um antídoto contra a rotina.

Hermeto Paschoal: convite a Benito Juarez para uma composição a quatro mãos.

Hermeto toca para alunos de música e presta homenagem aos cozinheiros da Universidade.

Para os quase 200 alunos dos cursos de música da Unicamp, que esperaram mais de três horas pela chegada de Hermeto Paschoal, no início de maio, dois fatos compensaram tudo. O primeiro foi uma "aula-show" completa do músico; o segundo, o anúncio público de que Hermeto retornará à Unicamp outras vezes, como professor convidado do Departamento de Música. No show de Hermeto, irreverência a todo momento, como na homenagem que ele prestou aos "cozinheiros do restaurante da Universidade", mesmo sem tocar. Três músicos de seu grupo trataram de preparar a homenagem com os seguintes ingredientes: apitos, chocalhos e panelas de tamanhos diferentes recheadas de pedras (apanhadas à beira de rios), presas aos recipientes por telas.

A criatividade de Hermeto, felizmente, não estava presa a nada. Quase duas da tarde (sua apresentação era para ser às 10 da manhã), ele chegou ao auditório do Instituto de Artes e começou tocando uma música ao piano. Ligou-se à melodia a tal ponto de pouco se importar que cinzas de cigarro lhe caíssem corpo abaixo. Quem esperava que Hermeto não mais saísse do piano enganou-se. Ele apresentou seus músicos — um deles, o próprio filho — e deixou com eles, momentaneamente, a execução de alguns trabalhos. Hermeto só voltou à cena para mostrar que uma velha máquina de costura, que já foi de sua bisavó, é importante numa criação musical. Colocou-a sobre a cabeça e pediu para que um músico fizesse o som. E comparou: "Se alguém quiser um som desse, vai ter que gastar 10 milhões para comprar um sintetizador. Com essa máquina que comprei da minha bisavó eu faço a mesma coisa".

Os alunos de música preferiram ouvir Hermeto a lhe dirigir perguntas. No tempo de espera, Hermeto deu entrevistas, até que seus músicos preparassem toda a aparelhagem de som. E explicou que são comuns aulas como essas em universidades. "Faço muito isso na UnB — Universidade de Brasília — e tenho uma marcada para o Rio. No Exterior é quase toda hora."

Pássaros

Ainda quando esperava a sua apresentação, Hermeto Paschoal convidou o maestro Benito Juarez para uma composição a quatro mãos. O tema era o plantio de uma árvore, que deveria ser transformada em sons, desde a compra da semente até a árvore formada, "cheia de passarinhos". Hermeto estabeleceu prazos e formas para essa germinação vegetal e musical: "Em cinco dias dá para fazer. É só tomar uns boros de noite ou dormir de dia".

A figura dos pássaros é uma constante na vida do compositor Hermeto Paschoal. Ele relembrou a sua vida de pessoa criada no mato para mostrar uma proeza. "Eu gostava muito de tocar desde pequeno. Era só chegar debaixo da árvore que os passarinhos estavam lá, me esperando. Eu tocava e o galho ficava penso de tanto passarinho", exagerou.

Mas a atenção maior de Hermeto estava mesmo no show, com ou sem atrasos. Depois de deixar seus músicos tocarem à vontade, chegou sua vez. Ele deixou o canto do palco que ocupava atrás do piano, deu a volta por trás dos instrumentos e se abaixou, de costas para a platéia. Pouco tempo depois ecoava um som contagiante, vindo do bombardino que o músico tocava. Daí para a frente o público se deliciou com a música de Hermeto e seu grupo. Com ele à frente, tudo era melhor. Seus cabelos longos e amarelos, que marcam a sua carreira, contrastavam com a camisa em xadrezes azuis e amarelos e a calça marrom. De vez em quando dava uma bicadela no copo de cerveja que começou a tomar antes da apresentação e que não dispensa nunca. Inquieto, Hermeto diz que vive mudando o número de sua casa e do telefone para que "a vida não se transforme em rotina".

Outros "hermetos", "marianos"

Os que assistiram à "aula-show" de Hermeto não se arrependeram. Para os 20 novos alunos de música popular houve razões de sobra para não deixar o músico ir embora. Porém, algo semelhante se repetiu dias depois, quando o pianista Cesar Camargo Mariano se apresentou no Ginásio da Unicamp e também deu sua aula aos alunos de música. Mariano é outro que fará parte do rol dos professores convidados, que terá ainda Egberto Gismonti, Francis Hime e Paulo Moura, entre outros. **(R.C.)**

Resgatar a relação entre arte e ciência

Mestrado em Artes instala-se em agosto e busca uma visão integrada da ciência através do "fazer artístico"

No mundo altamente competitivo de hoje, a ciência e a tecnologia assumem papel de destaque e são vistas como uma solução mágica para todos os problemas que afligem a sociedade moderna. Enquanto isso, a idéia do homem global, multidimensional, harmônico, em equilíbrio, transforma-se em realidade praticamente inatingível. A conseqüência natural é a fragmentação do indivíduo. Com o objetivo de resgatar a dimensão humanística do homem contemporâneo, o Instituto de Artes da Unicamp acaba de criar a área de mestrado em artes.

O programa, coordenado pelo antropólogo Etienne Samain, e que começa a funcionar no segundo semestre deste ano, pretende estabelecer uma integração entre as artes e a ciência e tecnologia: "A superespecialização nos diferentes campos do saber tem levado a uma fragmentação do homem. Essa fragmentação é tão intensa que repercute na sua própria forma de pensar, de sentir o mundo em que vivemos, o mundo que somos... Ou seríamos apenas um desses fragmentos?", pergunta Etienne.

Diálogo

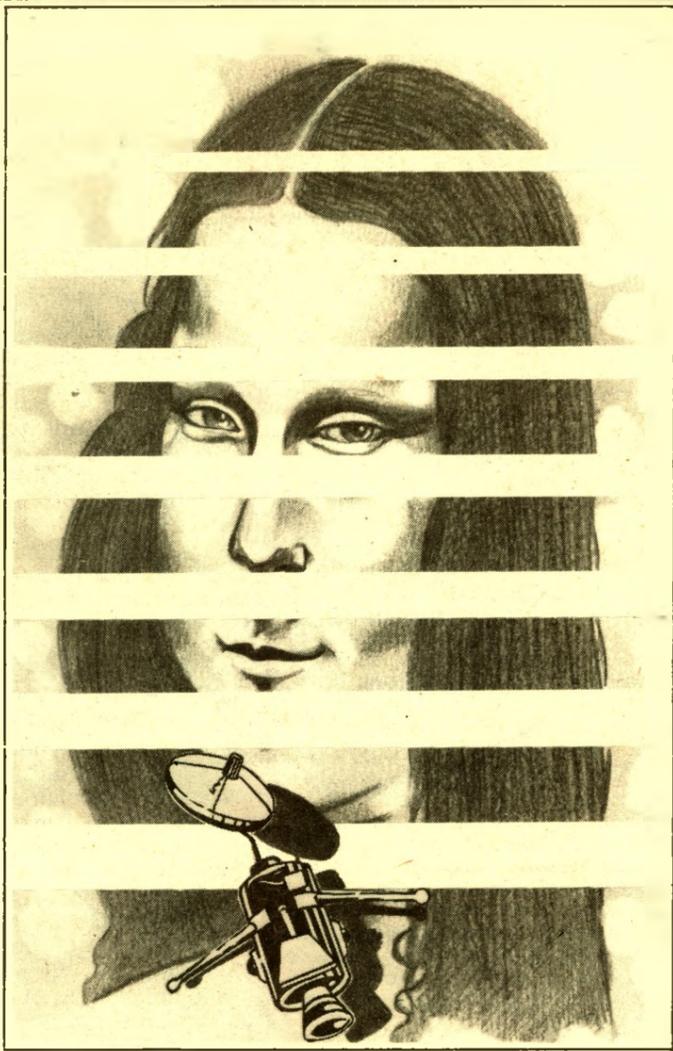
Resgatar o diálogo entre artistas e cientistas, recuperando assim a visão humanística do homem, é um dos objetivos do mestrado em artes da Unicamp. Além da integração natural entre os cinco departamentos que compõem o Instituto de Artes da Universidade, o novo programa quer estabelecer um canal vivo e permanente com os diferentes campos de conhecimento existentes nas unidades da instituição. Pretende, assim, criar uma relação estreita entre as artes e as ciências.

A visão integrada da ciência através das artes pode inclusive ajudar na compreensão e resolução de problemas científicos e tecnológicos. Isso porque o universo das artes possibilita uma visão global e não fragmentária das coisas, além de aguçar os sentidos e a sensibilidade do indivíduo.

Entretanto, a realidade contemporânea é marcada por espaços institucionais bem delimitados e sem diálogos entre artistas e cientistas. Acabar com esse vazio, reunindo o homem fragmentado num ser íntegro, é a expectativa do professor Etienne com o mestrado em artes da Unicamp. A reflexão do saber se dará através do "fazer artístico", o que não exclui, naturalmente, trabalhos de pesquisa que reflitam sobre o "fazer alheio". Em última instância, o programa de Pós-Graduação em Artes se propõe, segundo seu coordenador, a pensar sobre o "desenvolvimento de valores, podendo até oferecer ao Velho Mundo um espaço mais digno do que ele procura".

O curso

O mestrado em artes da Unicamp está também preocupado em formar e qualificar profissionais, docentes e pesquisadores em artes, além de fomentar, tanto entre os variados campos da expressão artística como entre as artes e as ciências, uma perspectiva interdisciplinar de reflexão e de pesquisa em torno das artes.

O curso será composto de disciplinas comuns, de integração acadêmica e de criação artística. Inicialmente, o programa estará recebendo alunos para as áreas de: montagem cênica, instrumento (teclados), regência, expressão bidimensional (desenho, gravura, pintura), expressão tridimensional (escultura, objetos, montagens, assemblagens, instalações), foto, cinema, e vídeoarte, multimeios e arte-educação. Futuramente serão abertas as seguintes áreas: direção teatral, dramaturgia, espaço cênico, ator e mídia, coreografia, técnica de dança, composição, musicologia, conservação e restauração de obras artísticas, artes e novas tecnologias, poética e sistemas sígnicos não verbais e integração crítica das artes.

Monalisa fragmentada e satélite de comunicação. Trabalho de Fúlvia Gonçalves sob a ótica de Oséas Magalhães.

As pesquisas a serem desenvolvidas no mestrado em artes respeitarão a singularidade de cada plano de trabalho. No entanto, de acordo com Etienne, ao mesmo tempo em que vai realizar o "fazer artístico" através da disciplina escolhida, o aluno também poderá estabelecer uma correlação viva com os outros saberes. (G.C.)

Convênio traz mostra internacional de teatro

Unicamp e Universidade de Londrina juntam esforços e promovem importante evento cultural.

O Instituto de Artes da Unicamp (IA) está abrindo espaço para que os grupos internacionais de teatro, que se apresentam neste mês no II Festival Internacional de Londrina, no Paraná, tragam seus espetáculos para Campinas. Será através da 1.ª Mostra Internacional de Teatro, que acontecerá em julho e representa um "balão de ensaio" para que em 1990 a cidade se projete no exterior pelas artes cênicas com a realização do Festival Internacional de Teatro. Como foi o caso de Manizales (Colômbia), Córdoba (Argentina), Cádiz (Espanha) e Nancy (França), locais onde já ocorreram festivais internacionais de teatro.

Para que Campinas seja o palco da 1.ª Mostra Internacional de Teatro, foi assinado, no dia 8 de maio, em São Paulo, um convênio entre a Unicamp, a Universidade Estadual de Londrina (UEL) — promotora do evento —, as Secretarias de Cultura do Estado de São Paulo, Secretaria Municipal de Campinas e a Fundação Nacional de Artes Cênicas (Fundacen), órgão do Ministério da Cultura. O convênio foi assinado pelo vice-reitor da Unicamp, Carlos Vogt; o reitor da UEL, Jorge Bounasser Filho; os secretários de Cultura do Estado de São Paulo, Fernando Moraes; do município de São Paulo, Marilena Chaui; da Prefeitura de Campinas, Marco Aurélio Garcia e Carlos Miranda, da Fundacen.

O grupo peruano Edgar Guilléu mostra o espetáculo "Una mirada desde los jardins de los cerezos".

A França manda a Companhia Dominique Houdart, com "Le Colporteur de la revolution".

Um dos organizadores da mostra internacional, o ator e sociólogo Marcos Kaloy, afirma que o evento "representa a unificação da comunidade campineira e a Universidade, visando à realização do festival internacional de 1990. Será um grande acontecimento, pois Campinas oferece melhor infra-estrutura do que as cidades de grande porte, facilitando o intercâmbio de informações dos grupos entre si e os espectadores. A realização de festivais como o que teremos em Campinas, no próximo ano, projetou cidades pequenas e de médio porte, na Europa e na América Latina", lembra.

Os grupos de teatro

Através do convênio assinado em São Paulo, e com o patrocínio da empresa Júlio Bogoricin Imóveis, serão trazidos para Campinas grupos de teatro de vários países que se apresentam em Londrina, com o patrocínio do governo do Estado do Paraná e do Banco Bamerindus, numa promoção da VEL, como o Centro per la Sperimentazione e la Ricerca Teatrale, da Itália; o grupo da Universidade Nacional do México (Unam); o Teatro delle Radici, da Suiça; e El Galpon, do Uruguai.

Este estará apresentando o espetáculo "Rasga Coração", de Oduvaldo Viana Filho (Vianinha), e será homenageado pelos organizadores do Festival de Londrina e da 1.ª Mostra Internacional de Teatro de Campinas pelos seus 40 anos de existência. Esse grupo uruguaio é considerado um dos mais importantes da América Latina, de acordo com Kaloy.

Outros grupos que estarão presentes são La Otra Orilla, da Alemanha Ocidental; Companhia Dominique, da França; Laboratoire Gestuel, do Canadá; La Tarumba e o grupo Edgard Guillen, do Peru, além do Teatro II Santa Clara, de Cuba.

A mostra internacional não se restringirá às apresentações dos espetáculos. Como parte do evento, haverá um curso de extensão a ser ministrado pelos próprios integrantes dos grupos internacionais presentes na mostra. O curso terá 25 vagas e dele poderão participar alunos de graduação ou mesmo quem não freqüente algum curso de artes cênicas. Durante o curso de extensão, no entanto, será exigido que os participantes desenvolvam atividades com os grupos de teatro e assistam a todos os espetáculos da mostra.

Programação da Mostra

A 1.ª Mostra Internacional de Teatro será realizada entre 4 e 30 de julho, no Centro de Convivência Cultural (CCC) e no Teatro de Arte e Ofício (TAO). A abertura será dia 4, às 20 horas, com a apresentação de músicas para teatro pela Orquestra Sinfônica de Campinas, sob a regência do maestro Benito Juarez, do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp. Os espetáculos são os seguintes:

De 5 a 8, no CCC, La Otra Orilla, com Recordando el Olvido e Los Palácios Perden sus Sombras; de 5 a 9, no TAO, o grupo italiano apresenta "La Ultima Ora de Franz Kafka"; 9 e 10, no CCC, a Companhia Dominique Doudart traz "Le Colportuir de La Revolution"; 11 e 12, no CCC, Laboratoire Gestuel interpreta "Les Mille Frues"; de 13 a 16, no CCC, La Tarumba com "Callate Domitila"; de 11 a 16, no TAO, Edgard Guillen interpreta "Isadora" e "Una Mirada desde lo Jardin de los se Digo Cerejos"; e no CCC, El Galpon traz "Rasga Coração"; de 18 a 23, no TAO, o Teatro delle Radici com "Uno" e a peça "Sobre el Corazón de la Tierra"; de 25 a 30, no CCC, o grupo cubano traz "El Hijo"; e o grupo Unam apresenta "Pedro Paramo", ao ar livre. (C.P.)

DE OUTROS CAMPI

Aprendizagem — Integrar médicos, psicólogos e educadores possibilitando-lhes o intercâmbio de experiências de forma que se encontrem soluções para a problemática da aprendizagem é o objetivo do "I Congresso Internacional Multiprofissional sobre Problemas de Aprendizagem". Promovido pela Universidade de Passo Fundo (RS), o evento contará com a participação de especialistas como o psicanalista Alfredo Néstor Jerusalinsky e a psicopedagoga Evelin Levi (Argentina), os pediatras Ariel Gomes de Freitas e Ercio Oliveira (Brasil), o neurologista pediatra Ignácio Pascual Castroviejo (Espanha), o especialista em alfabetização e educação popular Amílcar Jesús Legazcue e a especialista em aprendizagem Alondra Bayley de Algazzi (Uruguai), o antropólogo Darcy Ribeiro (Brasil) e o especialista em ciências da educação e informática David William Carraher (EUA). O congresso será realizado entre 30 de agosto e 2 de setembro, em Passo Fundo. Maiores informações, telefone (054) 313-3400, ramal 124.

Biotério — A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) deverá inaugurar neste primeiro semestre letivo um novo biotério, com instalações mais apropriadas aos camundongos, hamsters, ratos, coelhos, porquinhos-da-índia, cobras e sapos destinados a vários tipos de pesquisa. Além de propiciar melhores condições de ensino aos alunos de ciências biológicas, o novo biotério trará maior segurança aos funcionários quanto à insalubridade.

Moscas — Em São José do Rio Preto, a aluna de pós-graduação de Ciências Biológicas, Rosângela de Oliveira, está pesquisando e avaliando, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da Unesp, os efeitos da radiação do Césio 137 em populações naturais da mosca "Drosophila melanogaster". Seu trabalho possibilitará traçar analogias com outras espécies também expostas àquela radiação, inclusive seres humanos. Após avaliar oito coletas de moscas capturadas em quatro locais com diferentes níveis de radiação, notou-se o surgimento de má-formações externas, como a ausência de uma das patas, degenerações no abdômen, asas, tórax e aparelho genital. Também registrou-se em um exemplar de mosca a má-formação da genitália e do abdômen de uma só vez.

Assistência jurídica — Os alunos do curso de Direito da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) prestam assistência jurídica a pessoas carentes através de um departamento instalado especialmente para esse tipo de atendimento no Fórum de Piracicaba. De acordo com o relatório do segundo semestre letivo de 1988, foram encerrados no semestre 202 processos. Desses, 24 sobre pensão alimentar, 29 de divórcios, dois sobre investigação de paternidade, 44 de separação consensual e oito de separação litigiosa. O Departamento de Assistência Jurídica informou que num primeiro levantamento das causas encerradas no segundo semestre de 1988 foram gastos cerca de NCz$ 23.556,06.

Videoteca — Para auxiliar os docentes e alunos em seus trabalhos acadêmicos, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) está organizando uma videoteca com programas científicos, culturais e educacionais. O acervo reunirá 20 mil discos, principalmente de música popular brasileira, gravados a partir de 1920. Vinculado ao Setor de Materiais Especiais e sob a responsabilidade da Biblioteca, existe a área de audiovisuais da PUC-MG que conta com 35 mil slides, 72 conjuntos audiovisuais e 20 filmes de 16mm.

Geometria Descritiva — Uma cidade onde se pode encontrar a rodoviária e a catedral de Londrina, a catedral de Maringá, uma estação ferroviária com trembala, caixa d'água, circo, escola e até mesmo um prédio de Salvador. Impossível? Não para os alunos de Arquitetura da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná, que construíram a maquete dessa cidade a partir dos conceitos abstratos da Geometria Descritiva e a aplicação de uma metodologia de ensino na qual se utilizam varetas, bolinhas de isopor e cartolinas. A professora Marie Claire Ribeiro Pola, o professor José Carani, do Departamento de Matemática, e docentes do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UEL desenvolveram essa metodologia de ensino para diminuir o alto índice de reprovação de alunos de Arquitetura por causa da complexidade da Geometria Descritiva.

Mariza Correa na direção do IFCH

A antropóloga é a terceira mulher a dirigir uma unidade de ensino e pesquisa na Unicamp.

Ampliar a biblioteca da Unidade e dar novas instalações ao arquivo Edgard Leuenroth: duas das prioridades de Mariza.

Duplicar a área destinada à biblioteca e construir novo prédio para o Arquivo Edgard Leuenroth, além de estimular as atividades acadêmicas, são algumas das metas da nova diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH), professora Mariza Correa. À frente da unidade desde o dia 3 de maio, Correa pretende desempenhar atividades administrativas sem alterar seus projetos nas áreas de ensino e pesquisa. Ela substitui o professor Luis Orlandi e é a terceira mulher em toda a história da Universidade a ocupar um cargo dessa natureza: anteriormente, Iracema de Moraes e Ayda Ignez Arruda dirigiram a Faculdade de Engenharia de Alimentos e o Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação, respectivamente.

Embora há pouco tempo na direção da unidade, Mariza Correa já detectou alguns problemas que, segundo ela, precisam ser sanados para o bom andamento do instituto. A diretora pretende concentrar esforços no sentido de duplicar a área destinada à biblioteca, que conta hoje com 852m2. Os 42.251 títulos de livros e os quase 1.000 títulos de periódicos existentes no IFCH fazem da sua biblioteca uma das mais completas do País na área de ciências humanas. O Arquivo Edgard Leuenroth é considerando o mais completo do País no que diz respeito às coleções de jornais, revistas, folhetos, fotos e livros.

Iniciação científica

Após a criação do curso de mestrado em História da Arte ano passado, e de proposta de criação da pós-graduação em História da Ciência, trabalho conjunto do Departamento de História do IFCH e do Centro de Lógica, Epistemologia da Ciência, trata-se agora de consolidar o recém-criado curso de graduação em Filosofia, e de ampliar o número de bolsas de iniciação científica e aperfeiçoamento para a graduação em geral. "O trabalho de iniciação científica é um importante pré-requisito para o bom desempenho do aluno do curso de pós-graduação", diz Correa.

Apesar das atribuições administrativas, Mariza Correa afirma que não abrirá mão de suas atividades acadêmicas. Dessa forma, a diretora dará seqüência aos dois seminários de pós-graduação, prosseguirá com o trabalho de orientação (oito alunos de mestrado e dois de doutorado), além de dar continuidade à pesquisa sobre história da antroplogia no Brasil. "Sei que posso contar com apoio dos docentes, funcionários e estudantes." Correa considera ultrapassada a idéia de que o diretor deve agir sozinho. Segundo ela, é papel do diretor aglutinar todos os setores do instituto para a realização de um trabalho eficiente.

Para Correa, a Universidade tem crescido muito e burocratizou-se, tornando ineficientes seus canais de informação. "As pessoas desconhecem seus interlocutores, não sabendo a que setor compete determinada atribuição", diz. Ela ressalta ainda que a falta de planejamento e de programação emperra as atividades da instituição. "Deveríamos ter conhecimento dos planos administrativos com maior antecedência." Para contribuir este conhecimento, a diretora propõe a realização de reuniões com pró-reitores e diretores gerais de órgãos administrativos. Segundo ela, esse é o primeiro passo para tornar mais visíveis os procedimentos burocráticos. Além disso, a diretora pensa também em realizar reuniões com representantes de agências de financiamento nacionais para estimular projetos de pesquisa em andamento no instituto. "No momento em que a Universidade conquistou a autonomia, recebeu também uma herança de poucas verbas para a pesquisa, o que é preciso corrigir", diz Correa.

Jornalista graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mariza Correa veio para a Unicamp em 1972 quando iniciou o curso de mestrado em antropologia, área onde mais tarde obteve o título de doutora pela USP. O projeto de tese de mestrado valeu à pesquisadora a publicação do livro "Morte em família" (Editora Graal), uma análise feita no Fórum de Campinas sobre homicídios ocorridos entre cônjuges no período de 20 anos. Publicou também o primeiro volume de "História da antropologia no Brasil" (Editora da Unicamp/Vértice), trabalho que deverá ser concluído com a elaboração de mais três volumes. A diretora trabalha atualmente na tradução do livro "O selvagem e o inocente", de David Maybury-Lewis (Editora da Unicamp), que deverá estar concluída até o final deste semestre.

Como jornalista, Mariza Correa já trabalhou na revista "Veja" e nos jornais "O Estado de Minas", de Belo Horizonte e "Zero Hora", de Porto Alegre. Sobre a troca do jornalismo pela antropologia, Correa justifica: "Acho que todo antropólogo deveria ter alguma experiência como repórter", diz. "Foi enquanto jornalista que aprendi a colocar certas questões que tento discutir como antropóloga." **(A.C.)**

Geociências renova e escolhe Bernardino

Planos do novo diretor incluem a criação de novas áreas de ensino e pesquisa.

Desde o dia 19 de maio passado o Instituto de Geociências da Unicamp tem novo diretor. Trata-se do professor Bernardino Ribeiro de Figueiredo, que substitui o criador e até então diretor da unidade, professor Amílcar Herrera. A implantação de programas de pós-graduação a nível de doutorado em geociências e em política científica e tecnológica, a criação de novas áreas de ensino e pesquisa e a construção de um novo prédio com início previsto para este ano são alguns dos objetivos do novo diretor do IG.

Responsável pela criação do mestrado em Geociências na área de metalogênese, o novo diretor assume o comando da unidade com muitos planos. Além da implantação dos cursos de doutorado, Figueiredo pretende criar a médio prazo o curso de graduação em Geociências. Constitui-se também em metas do diretor a criação de áreas de ensino e pesquisa em geologia ambiental, geologia de planejamento e sensoriamento remoto aplicado à geologia. "São lacunas que devemos preencher brevemente", diz Figueiredo.

Divulgar assuntos da área de Geociências para a sociedade é também outra meta do diretor. "Pretendemos oferecer cursos de curta duração aos professores de 1.° e 2.° graus, difundindo os conhecimentos de geologia como parte do conteúdo da disciplina de ciências", diz Figueiredo. Essa difusão deverá ocorrer também através da

Bernardino: "A médio prazo, instalar o curso de graduação em Geociências".

realização de palestras e apresentações de vídeos nas escolas de Campinas. Outro objetivo do diretor é criar um museu de Geociências. Segundo ele, será um museu diferente, tanto na apresentação como na dinâmica de trabalho, onde alunos e professores das redes municipal, estadual e particular deixarão de ser meros espectadores: eles poderão desenvolver experiências científicas. "A humanidade quer conhecer melhor o planeta Terra", diz Figueiredo. "A ocupação desordenada do solo e o temor pelos desastres ecológicos vêm despertando esse grande interesse nas pessoas", justifica.

Bernardino Figueiredo reconhece que terá pela frente algumas dificuldades para a execução dos projetos, a começar pela falta de espaço físico. Concentrado num barracão de 1.500m2, o Instituto de Geociências necessita com urgência de novas instalações. Neste sentido, já está em elaboração um projeto de construção de um novo prédio com área de 7.000m2, com início das obras previsto para este ano. Além disso, o diretor revela a necessidade de ampliação gradual do corpo docente, de reequipamento dos laboratórios e de aumento da biblioteca, incluindo nesse item a aquisição de novos títulos de livros e periódicos. Embora os planos pareçam ousados, Figueiredo acredita que alguns desses projetos poderão ser concretizados com a captação de recursos externos, através da realização de convênios com empresas interessadas nas pesquisas desenvolvidas pela unidade.

O Instituto de Geociências é uma unidade que reúne várias áreas temáticas como geologia, administração e política de recursos minerais, educação aplicada às geociências e política científica e tecnológica. São áreas distintas, tanto no objeto de pesquisa como na metodologia. Estes fatores fazem com que o instituto reúna entre seus 46 pesquisadores, profissionais de diferentes conhecimentos: Geologia, Educação, Economia, Ciências Sociais, Engenharia e Direito. Com este corpo docente, Figueiredo pretende intensificar os cursos oferecidos pela unidade, entre eles o de especialização de ensino em Geociências destinado a professores de 3.° grau.

Figueiredo iniciou seus estudos de graduação em Geologia na USP onde presidiu o grêmio da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1969, exercendo a função de presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE), o então aspirante a geólogo precisou deixar o país, concluindo seu curso de graduação na Universidade do Chile, em Santiago. O curso de doutorado foi realizado na Universidade de Uppsala, na Suécia, onde viveu de 1973 a 1980. Em junho do mesmo ano, Figueiredo transferiu-se para a Unicamp, onde iniciou seus trabalhos no recém-criado Instituto de Geociências. **(A.C.)**

Vida Universitária

Jornalistas e cientistas ouvem Calvo Hernando

O jornalista e professor Manoel Calvo Hernando, subdiretor do jornal de Madrid "Ya", autor de cerca de 20 livros e chefe do Departamento de Informação do Instituto de Cooperação Ibero-americana, que vem se dedicando desde 1955 à divulgação científica, esteve na Unicamp no dia 29 de maio último. O professor Calvo Hernando falou para uma platéia de jornalistas e cientistas brasileiros sobre a importância do jornalismo científico no mundo contemporâneo. Defendeu uma maior interação entre cientistas e jornalistas para o aprimoramento da divulgação científica que, segundo ele, deve envolver tanto jornalistas quanto cientistas e docentes em geral. Em sua exposição, o especialista em divulgação científica criticou alguns órgãos de comunicação por estarem mais interessados na "manchete" propiciada pelo assunto em questão do que propriamente no seu conteúdo, destacando o caráter educativo dos meios de comunicação. Falou também da complexidade da formação necessária ao jornalista científico, assim como da conscientização do cientista para encontrar uma linguagem comum à do jornalista visando a uma melhor compreensão de sua pesquisa pela opinião pública em geral.

Calvo Hernando: encontrar uma linguagem comum entre jornalistas e pesquisadores.

EM DIA

Mongini: elogios aos serviços do Centro.

Mongini na Unicamp — O professor Franco Mongini, diretor da Clínica Odontoestomatológica da Universidade de Torino, Itália, esteve visitando a Divisão de Saúde Oral do Cecom, no último dia 10 de maio. Especialista na área de ATM (Articulação Têmpora-Mandibular) Mongini foi recepcionado pelo professor Mário Terra, diretor da Divisão de Saúde Oral, e pelos supervisòres do serviço, Nildemar Mendes Filho, Maria Regina de Andrade, Miriam Caldeira e por Laura D'Otaviano, que durante dois meses trabalhou com o professor Mongini na Universidade de Torino. O professor italiano elogiou os serviços ali realizados chegando a classificar a Divisão de Saúde Oral do Cecom como "um centro de referência" em termos de unidade odontológica e assistencial, principalmente pelo sistema de prevenção existente entre cliente e dentista. Mongini disse ainda, segundo Mário Terra, que a qualidade das atividades desenvolvidas pela divisão superam muitas vezes a de alguns países da América Latina.

FEL perde professores — O professor Morency Arouca, 59 anos, ex-diretor da Faculdade de Engenharia de Limeira, no período de 18/01/75 a 14/10/82, faleceu no dia 2 de abril último, vítima de enfarto. Arouca era engenheiro mecânico e eletricista e professor titular do Departamento de Hidráulica e Saneamento da FEL. Mais recentemente, no dia 5 de maio, o Departamento de Engenharia de Transportes da mesma Faculdade sofreu a perda, em acidente de carro, do professor Thales de Lorena Peixoto Jr., 45 anos.

Fotografia — O Nudecri — Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade — promove até o final de junho, com o apoio do MIS — Museu da Imagem e do Som — de São Paulo, duas exposições fotográficas. Elas acontecem no Espaço Nudecri — em frente ao Instituto de Geociências —, com entrada franca. Uma das exposições, "Retratos", compõe-se de 20 fotos tiradas entre 1880 e 1900, em estúdios de São Paulo, retratando pessoas da época. A outra mostra 18 fotos dos populares "lambe-lambes", tiradas em 1973 e reconstitui todo o processo da criação desses fotógrafos amadores. Há ainda 43 fotos só mostrando o dia-a-dia desses artistas.

LIVROS

— *"Crítica Ligeira"* e *"Sobre a Leitura"* — São os dois livros que o professor Carlos Vogt, coordenador geral da Unicamp, acaba de lançar pela Editora Pontes de Campinas. O primeiro é um trabalho de ensaios escrito na década de 70 sobre intelectuais como Moacyr Scliar, Clarice Lispector, Carlos Lacerda e o dramaturgo Nelson Rodrigues. Os textos são colocados como uma contribuição para o entendimento do processo cultural no Brasil e na América Latina e não visa, segundo o próprio autor, a um público específico. "Sobre a Leitura", é uma tradução de um prefácio que Proust fez para um livro do escritor inglês John Ruskin. O texto, de 1905, é anterior a "Em busca do tempo perdido", considerado a obra-prima de Proust.

ENCONTROS

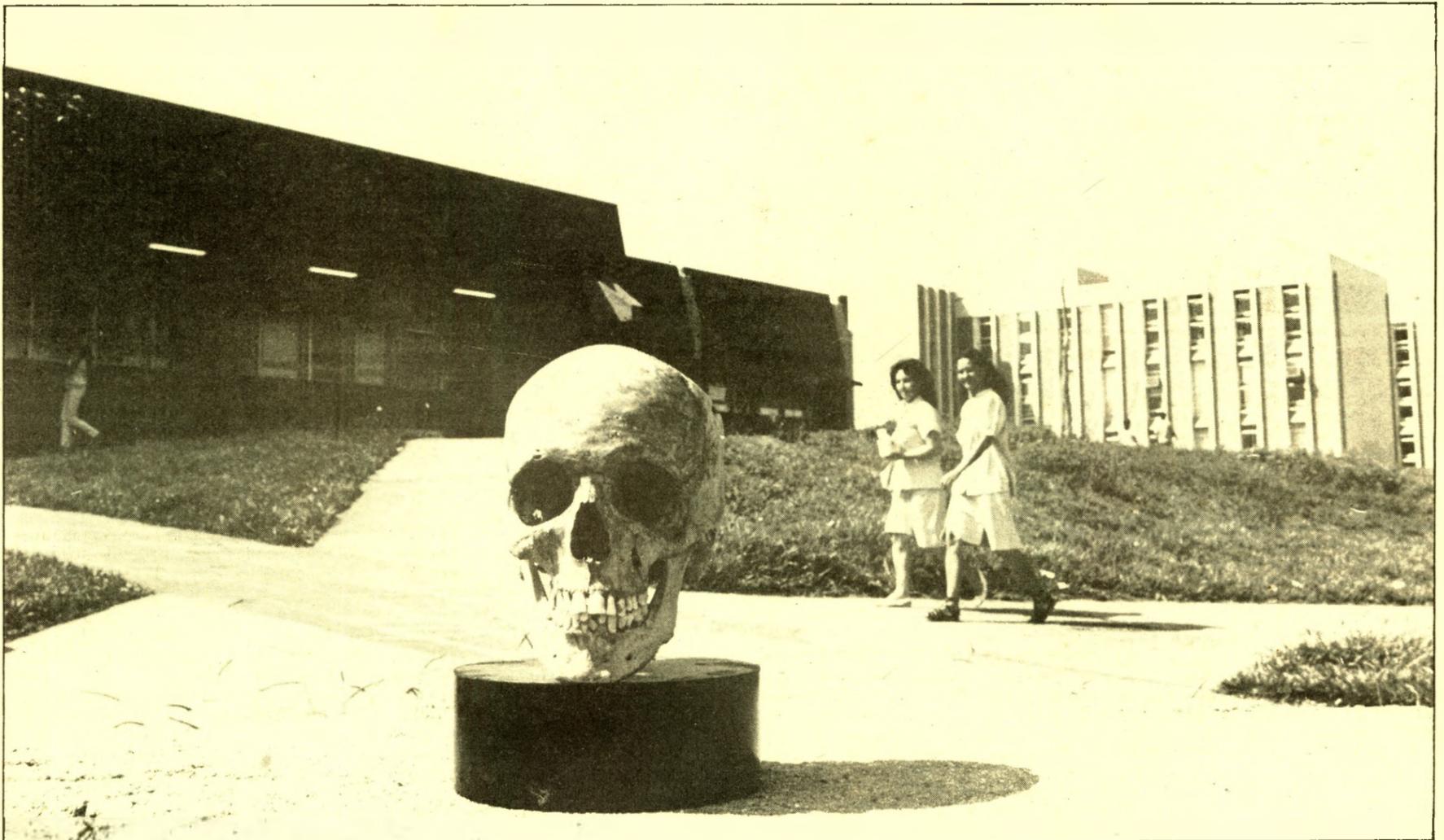
Oftalmologia — O II Curso Pan-Americano de Enfermagem em Oftalmologia vai ser realizado de 26 de junho a 7 de julho, no Salão II do Centro de Convenções. A promoção é do Departamento de Enfermagem da FCM. Informações adicionais pelo telefone (0192) 39-1301, ramal 2064.

Dispositivos eletrônicos — O Departamento de Semicondutores, Instrumentos e Fotônica da Faculdade de Engenharia Elétrica (FEE) da Unicamp está recebendo inscrições para o curso de dispositivos eletrônicos que será realizado entre 2 e 4 de agosto. Do programa constam temas como a física de semicondutores, estruturas de dispositivos para extração de parâmetros dos modelos, dispositivos de silício amorfo, dispositivos de microondas, lasers de semicondutores e células solares. O coordenador do evento é o professor Vitor Baranauskas, da FEE, diretor científico da Sociedade Brasileira de Vácuo. Informações e inscrições pelo telefone (0192) 39-3424.

Ecologia evolutiva — Os professores Rogério Parentoni Martins, da Universidade Federal de Minas Gerais e Frederico Santos Lopes, da Federal de Viçosa — ambos doutorandos em Ecologia na Unicamp —, coordenaram o "Encontro de Ecologia Evolutiva" realizado no Instituto de Biociências da Unesp, em Rio Claro, de 18 a 20 de maio último. Participaram do encontro cerca de 300 pessoas entre docentes e alunos de graduação e pós-graduação de 25 instituições de pesquisa e ensino de vários Estados brasileiros. O evento foi promovido pela Sociedade de Ecologia do Brasil (SEB), sediada em Rio Claro. O próximo encontro será realizado em maio do próximo ano, na UnB, em Brasília, sob a coordenação dos professores Helena Castanheira de Moraes, Braúlio Ferreira Souza Dias e Roberto Cavalcanti, do Departamento de Biologia Animal do Instituto de Biologia da Universidade de Brasília.

Debate com presidenciáveis — O debate com os presidenciáveis, que já vem sendo feito em todo o Brasil, acontece também na Unicamp. O Centro Acadêmico do Instituto de Economia da Universidade é o promotor do evento que no dia 24 de maio trouxe o candidato do PCB, Roberto Freire. Já estão confirmadas as presenças de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Guilherme Afif Domingos (PL).

César Camargo Mariano — O músico César Camargo Mariano volta à Unicamp, neste mês de junho, para mais um show. Desta vez estará acompanhado do quarteto "Pique Riverte". Será no dia 13 de junho, às 12h30, no Ginásio da Unicamp. É uma promoção do Projeto Aquarelas, com entrada gratuita ao público.

O passeio da câmera

Exposta ao sol do meio-dia, a caveira ri de si mesma. Que espécie de homem terá sido?

A Universidade e as eleições

A imprensa dos presidenciáveis

Assessores de imprensa dos candidatos a presidente expõem suas idéias na Unicamp.

Kotscho: com Lula, mas apartidário.

Otávio: por um jornal progressista.

Camargo: ganhar com 51%.

Trajano: a história do pneu velho.

Debate e informação sobre os presidenciáveis é o que não falta; debate com quem faz a informação dos presidenciáveis — isto é, seus assessores de comunicação — nunca há. Achando que seria instrutivo ouvi-los, a Assessoria de Imprensa da Unicamp e o Sindicato dos Jornalistas, Seccional de Campinas, convidaram para um simpósio no campus, a 15 de maio passado, os assessores dos candidatos até então definidos. O debate foi parte do seminário "Novos Rumos do jornalismo", que nos dias subseqüentes discutiu o mercado de rádio, a imprensa alternativa e as publicações populares para um público de cerca de 300 profissionais de imprensa e estudantes de jornalismo. Compareceram assessores dos candidatos Guilherme Afif Domingos (PL), Leonel Brizola (PDT) e Luís Inácio da Silva (PT). Das três horas de acalorada discussão, o Jornal da Unicamp selecionou alguns tópicos.

A mídia petista

"A melhor opção de mídia do PT é atingir a pequena e média imprensa, porque com a grande a gente sabe que não vai poder contar. Veja só, por enquanto o PT trabalha só com dois jornalistas: eu que acompanho o Lula onde ele vai, dentro e fora do país, e o Sérgio Canova, do Comitê Central da campanha, que distribui o material para os jornais de outros estados e do interior. No Comitê, entretanto, temos um núcleo de 80 jornalistas voluntários que a partir de agora começam a dedicar algumas horas da semana para a campanha. É assim que trabalhamos". (Ricardo Kotscho, PT).

As chances de Afif

"Vocês podem achar que estou brincando, mas nós temos grande chance de ganhar o primeiro turno. Penso que 51% é uma meta bem razoável. Algumas pesquisas dizem que temos 1%. Ora, não é muito difícil passar para 2% — já seria dobrar. Sabe-se que cerca de 18% dos eleitores votariam com a esquerda e cerca de 60% com a direita. Nesse caso, temos a maioria dos votos para conquistar. Além disso a campanha só deverá começar de verdade a partir de fins de julho, começo de agosto, disparando em setembro-outubro, com a TV. Há tempo". (Carlos Camargo, PL).

Disponibilidade

"Nunca me filiei a partido algum e no entanto entrei nessa de cabeça, de peito aberto. Faço isso porque sou amigo do Lula e do pessoal que fundou o PT mesmo antes do partido existir. Eu conheci o Lula em 77, nas greves do ABC, e vi o PT nascer. O primeiro impulso de quem acompanha uma história como essa é de ser fundador de partido. Eu fui convidado para isso, mas achava que como jornalista, como repórter, arranharia a possibilidade de poder criticar livremente". (Ricardo Kotscho, PT).

Fernando Collor

"Quem está jogando o **seu** Collor aos 37 pontos é a classe média brasileira, que é extremamente egoísta. E isto porque a classe média brasileira foi conscientizada nos últimos anos por uma imprensa arbitrária e racionalista". (Otávio Costa, PDT).

Collor II

"Quando o Collor xingou o Brizola, eu, de minha parte, fui contra a que se respondesse. Tudo bem, o Brizola acabou dizendo que o Collor é um pneu velho, e que logo esse pneu ia se esvaziar. Foi aí que o Collor veio com uma série de acusações, entre elas a de que o Brizola seria o Escadinha da política, que ele é aliado dos bandidos do Rio de Janeiro etc. Ora, ele confunde um governo voltado para a população mais pobre com um governo ligado ao negócio da maconha, do pó, nos morros. Quer dizer, discrimina os pobres confundindo-os com bandidos". (José Trajano, PDT).

Segundo turno

"O Brizola várias vezes disse que se o Lula chegar ao segundo turno e ele não, fecha o compromisso e vota no Lula. Esperamos que o Lula faça o mesmo em relação ao Brizola". (José Trajano, PDT).

Segundo turno II

"Se ficar só um candidato progressista para o segundo turno, as forças progressistas apóiam esse candidato, o que é natural. É esse o motivo por que o PT nunca responde aos ataques que tem recebido durante a campanha, principalmente do Brizola, que felizmente agora parou um pouco. É muito difícil você atacar durante a campanha um candidato e depois, por contingência, no segundo turno se ver obrigado a apoiá-lo". (Ricardo Kotscho, PT).

O jornal que falta

"A vitória de um partido de esquerda levará fatalmente ao nascimento de um jornal com esse perfil ideológico. E será um jornal de tiragem nacional, com muita gente interessada em financiar. Um jornal popular, que não escreva notícias só para a elite, e não fale tanto da questão ideológica. No Brasil, se você soma as tiragens dos grandes jornais brasileiros nos dias úteis, mal chegam ao milhão de exemplares. O Brasil é um país analfabeto, mas poderíamos chegar tranqüilamente a 5 milhões de jornais por dia. Os jornais não vendem porque não falam ao povo". (Otávio Costa, PDT).

O jornal que falta II

"Eu acho que o país reclama um jornal de linha avançada, mais progressista, mais contemporânea para o país que a gente vive. Penso que seu aparecimento é até inevitável, uma questão de mercado. Agora, a gente não pode, como jornalista, ficar esperando esse jornal para que a gente comece a fazer um grande trabalho. Eu insisto num ponto: as pessoas estão passivas, acomodadas. As pessoas se queixam nos botecos mas não brigam nos seus órgãos de classe. Acho que a luta tem de começar é no dia-a-dia de cada um". (Ricardo Kotscho, PT). **(E.G. e R.C.)**

Freire vem e prega socialismo moderno

Roberto Freire acena com um programa progressista na linha da perestroika.

Roberto Freire: um regime que saiba conviver com o capital e a iniciativa privada.

O candidato à presidência da República pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), Roberto Freire, inaugurou o ciclo de debates com os presidenciáveis que o Centro Acadêmico do Instituto de Economia da Unicamp (Caeco) está promovendo. No dia 12 deste mês será a vez do candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva. Após meio século de ilegalidade, o PC disputa uma eleição concorrendo em condições de igualdade com os demais partidos políticos. O candidato do PC acena com um programa socialista mais na linha da "perestroika" do que no centralismo pré-Gorbatchev.

Trata-se, segundo Freire, de uma visão moderna do socialismo que prevê em seu programa de governo a estatização dos bancos, da saúde e da educação, mas que não elimina a convivência com o capital e a iniciativa privada. De acordo com o candidato, a implantação do comunismo agora seria uma utopia "porque depende da evolução da própria História". Mas o socialismo é algo "que se pode pensar para já". Para o pernambucano Roberto Freire, militante do PC desde 1962, o Brasil é um país viável. "É preciso, porém, mudar o modelo político que está aí", pondera.

Momento histórico

Acompanhado de seu vice, o cientista Sergio Arouca, doutor em Medicina Preventiva pela Unicamp, Roberto Freire falou para uma platéia heterogênea composta de alunos, professores, funcionários e eleitores em geral que aproveitaram a oportunidade para ver de perto as propostas do candidato do PC. Freire discorreu sobre o projeto histórico de seu partido, que há 67 anos vem-se dedicando — ora na ilegalidade, ora na legalidade —, a construção do socialismo no Brasil.

A construção de uma sociedade democrática e socialista faz parte do programa de governo de Roberto Freire que, segundo suas próprias palavras, há muito superou o stalinismo e procura agora resgatar a via democrática através do socialismo. O candidato do PC falou do processo de democratização que começa a se verificar nos países de regimes comunitas, observando que "sem a perestroika não haveria candidato do PC no Brasil".

Ao discorrer sobre o Brasil, Freire disse que a complexidade e a dicotomia que o coloca como potência econômica, ao mesmo tempo que expõe suas mazelas sociais devido "às estruturas perversas do modelo político vigente", o distingue dos demais países da América Latina. Para sanar essa contradição, o deputado federal eleito em 78, reeleito em 82 e lider do PC na Câmara Federal em 85, quando sua legenda conquistou a legalidade, afirma que é necessário "ter coragem de mudar e de colocar o País "no rumo da modernidade".

Retomar o crescimento

Disputando com outros partidos o apoio dos trabalhadores, Freire afirmou que "ninguém conta a história da classe operária neste país se não contar também a nossa história". Ao falar sobre seu programa de governo disse que não existe receita pronta, nem mudança real que possa ser feita em apenas cinco anos. Entretanto, dentro de sua perspectiva socialista de governo, o objetivo fundamental é fazer com que o País retome o processo de crescimento com uma maior distribuição de renda e a inclusão das massas na participação do produto nacional, acabando assim com a miséria nacional.

Para que isso ocorra é necessário, de acordo com Freire, integrar a economia brasileira na nova ordem financeira e econômica mundial e deixar de esperar que os países do Primeiro Mundo proponham a resolução de nossos problemas internos, bem como o da dívida externa. Na opinião do candidato, cabe ao Brasil decidir sobre seu próprio destino.

Que papel o Estado pode desempenhar na hipótese do PC ganhar as eleições? Freire defende a estatização de alguns setores da economia, a privatização de outros e um processo de economia mista onde o capital estrangeiro tenha lugar. Segundo Freire, o Brasil não pode percorrer um caminho que já foi superado pelos países de regime comunista, mas sim começar a partir do contexto atual, que inclui a abertura política e a modernização da sociedade produtiva.

Freire condenou o terrorismo e as bombas, "venham elas de onde vierem". Segundo ele, "não há convivência democrática com escalada de terrorismo". Disse também que os brasileiros precisam se acostumar a conviver com as greves que fazem parte do regime democrático. O problema do Brasil, na sua opinião, é de corrupção "dos que aplaudem a sonegação e querem ao mesmo tempo a moralidade pública."

Cultura e Educação

Com relação à questão cultural e educacional, Freire disse que o país precisa se preparar para as alterações provocadas pela indústria da informação e a revolução científica e tecnológica, uma vez que a sociedade brasileira não está preparada para conviver com essas transformações. Ao falar sobre os meios de comunicação de massa, criticou a hegemonia e o monopólio da mídia eletrônica que, segundo o candidato, teria acabado com "o mosaico cultural brasileiro".

A Educação é vista como um bem público pelo candidato do PC. Em razão disso, não vê outra saída senão a estatização do setor, com a melhoria imediata do ensino público. A ciência e a tecnologia devem fazer parte das prioridades do governo de Roberto Freire, que vê aí mais uma vez a necessidade de uma forte atuação do Estado, com a formulação de uma política nacional para C&T (G.C.)